

**A PRIMEIRA
PRESIDENCIA**
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
**CONSELHO
DOS DOZE**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

**COMITE DE
SUPERVISAO**
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee
**EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE**

M. Russell Ballard
Editor;

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Seção Infantil
Connie Wilcox
Roger Gylling,
Desenhista

**EXECUTIVO DE
«A LIAHONA»**
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

AGOSTO 1980 PBMA0482PO
S. PAULO — BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
A Orientação do Santo Espírito, Presidente Marion G. Romney
- 7 **Perguntas e Respostas**, Eric Stephan, Dr. Clifford J. Straton
- 9 **Jornada Rumo à Retidão**, A. Lynn Scoresby
- 15 **Rei Hamon**, Richard G. Oman
- 21 **Mike e Curt Não Desanimam**, Debra Spong Hadfield
- 26 **Enfoque Missionário, Não Podia Esquecer-me do Desafio**,
Tohru Hotta
- 28 **O Único Tesouro Verdadeiro**, Élder F. Enzio Busche
- 32 **Uma Visita a Antônio**, Colin Douglas
- 34 **As Chuteiras de um Vencedor**, Élder Robert L. Backman

SEÇÃO INFANTIL

- 1 **O Tempo das Árvores**, Hazel M. Thomson
- 4 **"Ricos Perante Deus"**, Presidente Marion G. Romney
- 6 **Joãozinho Encontra Alguns Amigos**, E. M. Castle
- 8 **Só Para Divertir**

NOTÍCIAS LOCAIS

- I **Novo Diretor do CTM**
- II **Cresce a Igreja no Nordeste**
- IV **Jovem Dinâmico Ultrapassa 1.000 Batismos**
- V **Meu Testemunho**
- VI **Um Convívio Muito Salutar**
- VII **Uma Questão de Paciência, Não de Espaço**
- VIII **Exemplo de Obediência**
- IX **O Desafio dos Ramos no Brasil**
- X **Entre Nós**
- XI **Calendário p/ Batistério**
- XII **Calendário de Selamentos**

REGISTRO: está assentado no cadastro da **DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribeubú, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

A Orientação do Santo Espírito

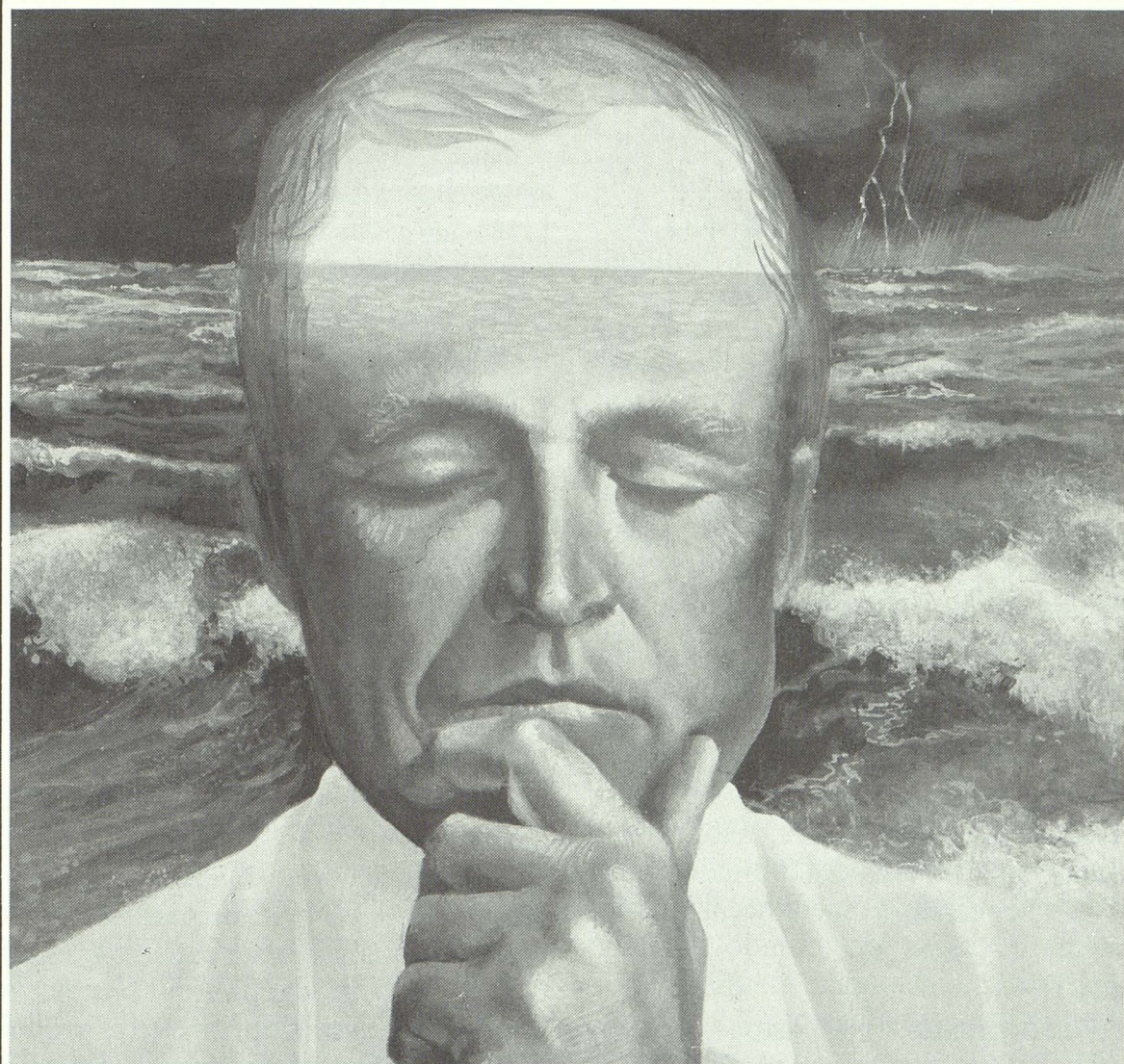
Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Como prelúdio para o assunto que decidi abordar hoje, “A Orientação do Santo Espírito”, cito uma declaração feita tempos atrás por Kurt

Waldheim, secretário geral das Nações Unidas:

“Não desejo ocultar”, dizia ele, “minha séria preocupação com as circunstâncias do mundo atual,

“O Santo Espírito traz paz a todos os que o seguem... Trará, também, paz ao homem justo, mesmo que esteja num mundo de iniquidade”.



preocupação essa que sei ser a mesma das pessoas responsáveis em toda parte. Há como que um senso universal de apreensão, com respeito ao rumo tomado pelos tumultos de nossos dias, e aonde poderão levar-nos; um sentimento de profunda ansiedade ante os fenômenos que não podemos compreender inteiramente, muito menos controlar. Em meio a toda especulação, em grande parte deprimente, quanto ao futuro que nos aguarda, ressoa um tom de desalento e fatalismo, o que me parece assaz perturbador. Não se trata de um fenômeno novo. Profecias funestas foram sempre os prenúncios de períodos de transição e mudança na sociedade humana. O que existe de *novo* é a extensão e escala dos problemas que causam tais apreensões...

Hoje, a civilização que enfrenta tal desafio *não* é somente uma parcela da humanidade — é a humanidade como um todo.” (Discurso pronunciado na Assembléia Geral das Nações Unidas, 30 de agosto de 1974; grifo nosso.)

Presumo, sem precisar estender-me, que todos nós concordamos que vivemos numa época de confusão e perplexidade. Ao piorarem as condições, torna-se mais evidente, a cada dia, que estamos caminhando para o desastre. Estou convencido de que nada, exceto a orientação do Santo Espírito, pode conduzir-nos em segurança. Chamo a atenção para nossa desagradável conjuntura, não porque desejo que fiquem desanimados, mas para que vejam e reconheçam claramente o transe do mundo em que vivemos.

Pessoalmente, não estou desalentado. Estou, sim, preocupado, porém

não me aterrorizo. Diz-se que o falecido Presidente J. Golden Kimball compareceu a uma sessão de conferência de estaca, na qual o orador que o precedeu, ocupou quase a totalidade do tempo com um pungente e abrasador chamado ao arrependimento. Quando chegou sua vez de falar, o Irmão J. Golden disse, simplesmente: “Bem, irmãos e irmãs, suponho que a melhor coisa que podemos fazer é irmos todos para casa e cometermos suicídio...”

Embora nossa época seja de suma gravidade, não recomendo a prescrição do Irmão Golden, porque tenho uma inabalável confiança de que, seguindo a orientação do Santo Espírito, o Senhor nos preservará e conduzirá em segurança.

Nossa chegada à beira na qual agora nos equilibramos, não é surpresa para ele. Ele previu o desastre e providenciou um meio de escape.

Há muito tempo atrás, em 1.º de novembro de 1831, disse:

“... Eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos;

“E também a outros dei mandamentos, para que proclamassem estas coisas ao mundo...” (D&C 1:17-18.)

O Senhor já prefaciara sua declaração, explicando o motivo da calamidade que viria, desta maneira:

“(Referindo-se à humanidade) Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja

substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá. . .” (D&C 1:16.)

Ora, o meio de escape, contido nos mandamentos dados pelo Senhor a Joseph Smith, orientando-o, e também a “outros”, para que os proclamassem ao mundo, é a orientação do Espírito. O Senhor ensina específica e enfaticamente, nos mandamentos, que tal orientação é uma realidade, disponível a todos, e que, sendo seguida, conduzirá à solução de todos os problemas — individuais, nacionais e internacionais. Desfrutar disso é um direito adquirido de toda alma, e se encontra claramente nas seguintes afirmativas da seção 84 de Doutrina e Convênios:

“... O Espírito...” diz o Senhor, “... dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo o homem no mundo que atende à sua voz.

“E todo aquele que atende à voz do Espírito vem a Deus, sim, o Pai.

“E o Pai ensina-o quanto ao *convênio* (o evangelho de Jesus Cristo) que ele renovou e confirmou sobre vós, o qual é confirmado sobre vós para vosso bem, e não somente para vosso bem, *mas para o do mundo inteiro.*” (D&C 84:46-48; grifo nosso.)

Esta fabulosa verdade — que toda alma é iluminada pelo espírito de Cristo e dotada da capacidade de reagir a sua orientação — é perfeitamente compreensível, quando nos recordamos de que os mortais são, por herança, espíritos. São os filhos espirituais gerados naturalmente por Deus. É, por conseguinte, natural, que da vida espiritual preexistente persista em toda alma humana a ca-

pacidade de reagir, instintivamente, aos influxos do Espírito.

A verdade contida nas palavras: “... todo aquele que atende à voz do Espírito vem a Deus, sim o Pai”, é, muitas vezes, repetida nas escrituras. Na seção 93 de Doutrina e Convênios, está assim enunciada.

“... Assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar a seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou;

“E que sou a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem ao mundo.” (D&C 93:1-2.)

Por outro lado, os que rejeitam a orientação do Espírito e, em rebeldia, cedem às tentações do mal, tornam-se carnisais, sensuais e diabólicos, movendo-se na direção oposta. Léhi descreveu o fenômeno desta maneira:

“Portanto, os homens são livres, de acordo com a carne; e todas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativo e a morte, de acordo com o cativo e poder do demônio; pois que ele procura tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio.” (2 Néfi 2:27.)

A importância de se obter e seguir a orientação do Santo Espírito não pode ser superestimada, pois é o que separa os justos e retos dos iníquos e ímpios.

“... Quem não vem a mim”, diz o Senhor, “... está sob a escravidão do pecado.

“E quem não recebe a minha voz, não a conhece e não é meu.

“E por isto podereis discernir os justos dos iníquos, e saber que mesmo agora o mundo todo geme sob o pecado e trevas.” (D&C 84:51-53.)

Esta doutrina é repetida muitas vezes nas escrituras. Por exemplo, na seção 93 de Doutrina e Convênios, encontramos: “E todo homem cujo espírito não recebe a luz está sob condenação.” (D&C 93:32.)

Tais ensinamentos deixam claramente estabelecido o fato de que a orientação espiritual recebida por alguém, depende exclusivamente da própria pessoa. Cada um de nós é iluminado pelo Espírito ao vir a este mundo, recebe o livre arbítrio e é responsável por seu emprego.

Não há campo para tergiversação. Quando rejeitam a orientação do Santo Espírito, os homens são entregues a seu próprio saber e à inspiração de espíritos malignos. Como Jesus ensinou aos nefitas: “... Somente por pouco tempo gozarão de suas obras, (mas) logo chegará o fim e eles cairão e serão arrojados ao fogo do qual não mais poderão voltar.” (3 Néfi 27:11.) A história, as escrituras e a experiência diária confirmam esta verdade. A sabedoria sem inspiração dos homens jamais resolverá nossos problemas.

O tempo é breve; uma calamidade mundial somente poderá ser evitada, se um número suficiente de pessoas puder ser levado a humilhar-se e seguir a orientação do Santo Espírito. As revelações do Senhor são explícitas quanto ao que acontecerá, se isso não ocorrer. Entre outras coisas, o Senhor diz que “... uma praga

assoladora virá (sobre os habitantes da terra) e continuará a derramar-se de tempos em tempos, até que a terra se torne vazia e seus habitantes sejam consumidos e totalmente destruídos pelo resplendor de minha vinda”. (D&C 5:19.) Se o mundo irá ou não seguir o caminho de escape, não tem importância alguma para nós. Devemos fazer tudo o que pudermos para ensinar-lhe esse caminho revelado e procurar fazer com que o aceite.

Quanto a nós, entretanto, tomemos a posição de Josué, quando disse a Israel:

“... Escolhei hoje a quem sirvais... Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24:15.)

O Santo Espírito traz paz a todos os que o seguem. Tão certo como trouxe paz duradoura a um povo inteiro, como ao povo de Enoque e aos nefitas, durante sua “época de ouro”, trará, também, paz ao homem justo, mesmo que esteja num mundo de iniquidade.

Mórmon, que liderou um povo rebelde, endurecido, afastado de Deus, com quem o Espírito do Senhor cessara de contender, escreveu a seu filho Morôni:

“Mas, apesar de vermos essa dureza de coração, meu querido filho, trabalhemos diligentemente; porque, se deixarmos de labutar, atrairemos sobre nós a condenação. Pois temos uma missão que devemos executar enquanto habitarmos este tabernáculo de barro, a fim de vencermos o inimigo de toda a justiça, para que nossas almas possam encontrar descanso no reino de Deus.” (Morôni 9:6.)

O Profeta Joseph Smith, a caminho de Carthage, pôde dizer: “Não vos alarmeis, irmãos, pois que eles (uma companhia de milícia montada) não vos podem fazer mais do que os inimigos da verdade fizeram aos antigos santos — podem apenas matar o corpo.” Pouco depois, acrescentou: “... Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa”. (*History of the Church*, 6:554-55; v. também D&C 135:4.)

Não há meios de se desencorajar ou derrotar um povo ou uma única pessoa que segue a orientação do Santo Espírito. Os que a seguem, compreendem o significado das palavras do Salvador:

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (João 14:27.)

A seção 9 de Doutrina e Convênios registra um teste pelo qual alguém pode ter certeza de que conta com a orientação do Espírito. Recomendo que façamos disso uma prática contínua:

“... Deves ponderar em tua mente...”, disse o Senhor a Oliver Cowdery, com respeito ao assunto da tradução do Livro de Mórmon, “... depois me deves perguntar se é correto, e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.” (D&C 9:8.)

Lembrem-se de que “... O Espírito dá luz a todo homem que vem ao mundo...” (D&C 84:46.) Todo homem nasce com a luz de Cristo em sua alma, e, somente quando

deliberadamente decide rejeitar essa luz que o guia através do mundo, é que se torna carnal, sensual e diabólico. Todas as escrituras concordam com isso. Não apenas desejo que se lembrem de que “o Espírito dá luz a todo homem que vem a este mundo”, mas também de que “o Espírito alumia a todo o homem no mundo que atende à sua voz”, e “todo aquele que atende à voz do Espírito vem a Deus, sim, o Pai.” (D&C 84:46-47.)

Se desejam obter e conservar a orientação do Espírito, podem fazê-lo seguindo um simples programa de quatro pontos:

Primeiro, oração. Orem diligentemente. Orem uns com os outros. Orem em público, nos locais apropriados, mas jamais se esqueçam do conselho do Salvador:

“Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará.” (Mateus 6:6.)

Aprendam a falar com o Senhor; clamem ao seu nome com grande fé e confiança.

Segundo, estudem e aprendam o evangelho.

Terceiro, vivam retamente; arrependam-se de seus pecados, confessando-os e abandonando-os. Depois, sigam os ensinamentos do evangelho.

Quarto, prestem serviço na Igreja.

Se fizerem estas coisas, obterão a orientação do Santo Espírito, e viverão com sucesso neste mundo, a despeito do que as demais pessoas digam ou façam.

Concluindo, desejo citar algumas declarações da revelação da qual

nosso tema, “A orientação do Santo Espírito”, foi extraído. A primeira parte dessa revelação é um insistente apelo do Senhor ao seu povo, para que se achegue a ele, enquanto há tempo. A maior parte do restante da revelação é uma repetição do que o Senhor dissera a seus discípulos com respeito aos sinais de sua vinda, no dia em que vier em glória nas nuvens do céu. Essas declarações foram feitas aos apóstolos como resposta a suas perguntas sobre os sinais de sua segunda vinda. E, nesta revelação, o Senhor as repete ao Profeta Joseph Smith.

Como um dos sinais ‘... entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do meu evangelho;

“Mas eles não a recebem; pois não compreendem a luz, e por causa dos preceitos dos homens, desviam de mim os seus corações.” (D&C 45:28-29.)

Haverá “... guerras e rumores de guerras... toda a terra estará em agitação”. Em consequência de “... uma doença desoladora (que) cobrirá a terra”, “... homens levantarão as suas vozes e amaldiçoarão a Deus e morrerão.”

“... Haverá terremotos... em diversos lugares, e muitas desolações; e ainda assim os homens endurecerão os seus corações contra mim, e levantarão a espada uns contra os outros, e se matarão uns aos outros...”

“... E acontecerá que aquele que me teme estará esperando pela chegada do grande dia do Senhor, sim, pelos sinais da vinda do Filho do Homem...”

“E então... eu virei; e eles me verão nas nuvens dos céus, vestido com poder e grande glória; e com todos os santos anjos; e aquele que não me procura será exterminado...”

“Então o braço do Senhor cairá sobre as nações...”

“E calamidade virá sobre o escarnecedor, e o desdenhador será consumido; e aqueles que tiverem procurado a iniquidade serão cortados e lançados no fogo...”

“E naquele dia, quando eu vier na minha glória, a parábola de que falei, concernente às dez virgens, se cumprirá...”

E este é o texto de meu tema:

“Pois aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade, e tomado o Santo Espírito por seu guia, e não tiverem sido enganados — na verdade vos digo que não serão cortados e lançados no fogo, mas suportarão o dia.

“E a terra ser-lhes-á dada por herança; e eles se multiplicarão e se tornarão fortes, e seus filhos crescerão sem pecado para a salvação.

“Pois o Senhor estará em seu meio, e a sua glória estará sobre eles, e ele será o seu rei e o seu legislador.” (D&C 45:26, 31-33, 39, 44, 47, 50, 56-59.)

Como vêem, ser diligentes no que fazemos não é o bastante; é preciso tomar o Santo Espírito por guia para não sermos enganados.

Que Deus nos abençoe, meus irmãos e irmãs, para que possamos ter o bom senso de tomar o Santo Espírito como nosso guia e, assim, cumprir o propósito desta vida e receber a merecida recompensa, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamentos oficiais de normas da Igreja.



1. *Qual a responsabilidade da família quando é visitada pelo mestre familiar?*

Esta pergunta é ótima! Às vezes consideramos o ensino familiar como sendo tarefa do mestre familiar. Podemos achar que a única responsabilidade da família é desfrutar de alguns poucos minutos de conversa amigável com os dois amigos que a visitam, para depois assumir passiva atitude de ouvinte durante a transmissão da mensagem.

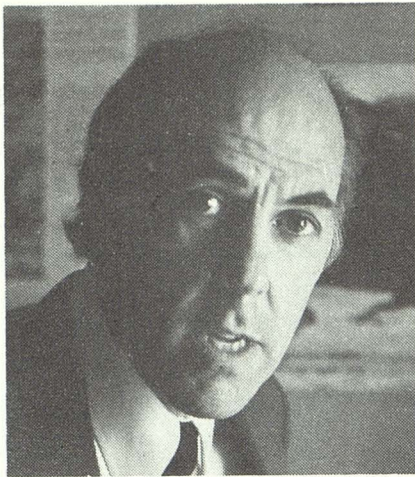
Na verdade, o mestre familiar "é um recurso que pode ser usado pelo pai, para ajudar sua família a se encaminhar para a perfeição". (*Quando te Converteres, Confirma teus Irmãos*, Guia de Estudo para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque da Igreja para 1975-76, [PCMP60E6PO], p. 199.) Assim, o mestre familiar tem a responsabilidade de consultar o chefe da casa, ou se este es-

tiver ausente, o cabeça da família; mas a família tem, também, a responsabilidade de fornecer orientação aos mestres familiares, a fim de que as visitas sejam eficazes.

O cabeça da família pode ajudar o mestre familiar a escolher a mensagem, fornecendo-lhe informações acerca das necessidades do dia a dia da família. Pode incentivar o mestre familiar a vigiar sua família e fortalecê-la. Se o cabeça da família for um pai inativo, a mãe poderá seguir os princípios do evangelho, debatendo as necessidades da família com seu marido, planejando e obtendo sua aprovação para todas as atividades familiares e incentivando o mestre familiar a procurar primeiramente a orientação do pai.

Os mestres familiares mais felizes que conheço são os que atendem às verdadeiras necessidades da família. Conheço um pai que entregou aos mestres familiares uma lista de metas pessoais para seis meses, de cada membro da família, pedindo-lhes que os ajudassem a conseguir motivação e entendimento para atingi-las. Esse pai ajudou os mestres familiares a serem guardiães e fontes de recurso. Uma vez que os mestres familiares são a primeira fonte de ajuda quando há problemas, cabe ao pai, ou cabeça da família depositar confiança neles e valer-se de seu auxílio.

Eric Stephan, mestre familiar e professor da Escola Dominical, da Ala de Edgemont, Estaca Edgemont - Provo, Utah.



2. *Sei que o chá e o café contêm substâncias prejudiciais a nossa saúde; mas o que elas nos causam exatamente?*

Os efeitos do chá e café advêm da cafeína e da teofilina (teína) que ambos contêm — são dois alcalóides, ou compostos naturais, existentes em plantas de todo o mundo. Coletivamente são chamados de “xantinas”, em vista de sua estreita relação química e por provocarem efeitos quase idênticos no corpo humano. A aspirina (e muitos outros medicamentos comuns) também contém compostos de xantina.¹ Apesar das xantinas terem utilidade quando usadas como medicamento, seu emprego indiscriminado produz efeitos danosos.

As xantinas estimulam o cérebro e a medula espinhal, aumentam a ação do coração, produzem vaso-constricção nos vasos que irrigam o cérebro (eis porque os compostos de aspirina aliviam a dor de cabeça), melhoram a respiração pelo relaxamento de certos músculos, fortalecem as contrações dos músculos dos braços e pernas, aumentam a produção de urina, de suco gástrico, e, de modo geral, aceleram o metabolismo orgânico.²

Obviamente, seu emprego terapêutico é freqüente e variado, exatamente como o abuso dessas substâncias pode causar sérios efeitos colaterais.

Algumas pessoas podem pensar que a tanina encontrada no chá e café seja a razão para se evitá-los. O ácido tânico é útil, do ponto de vista médico, para produzir contração dos tecidos, e, assim, controlar hemorragias e diarreias. Não é, porém, o mesmo que xantinas.

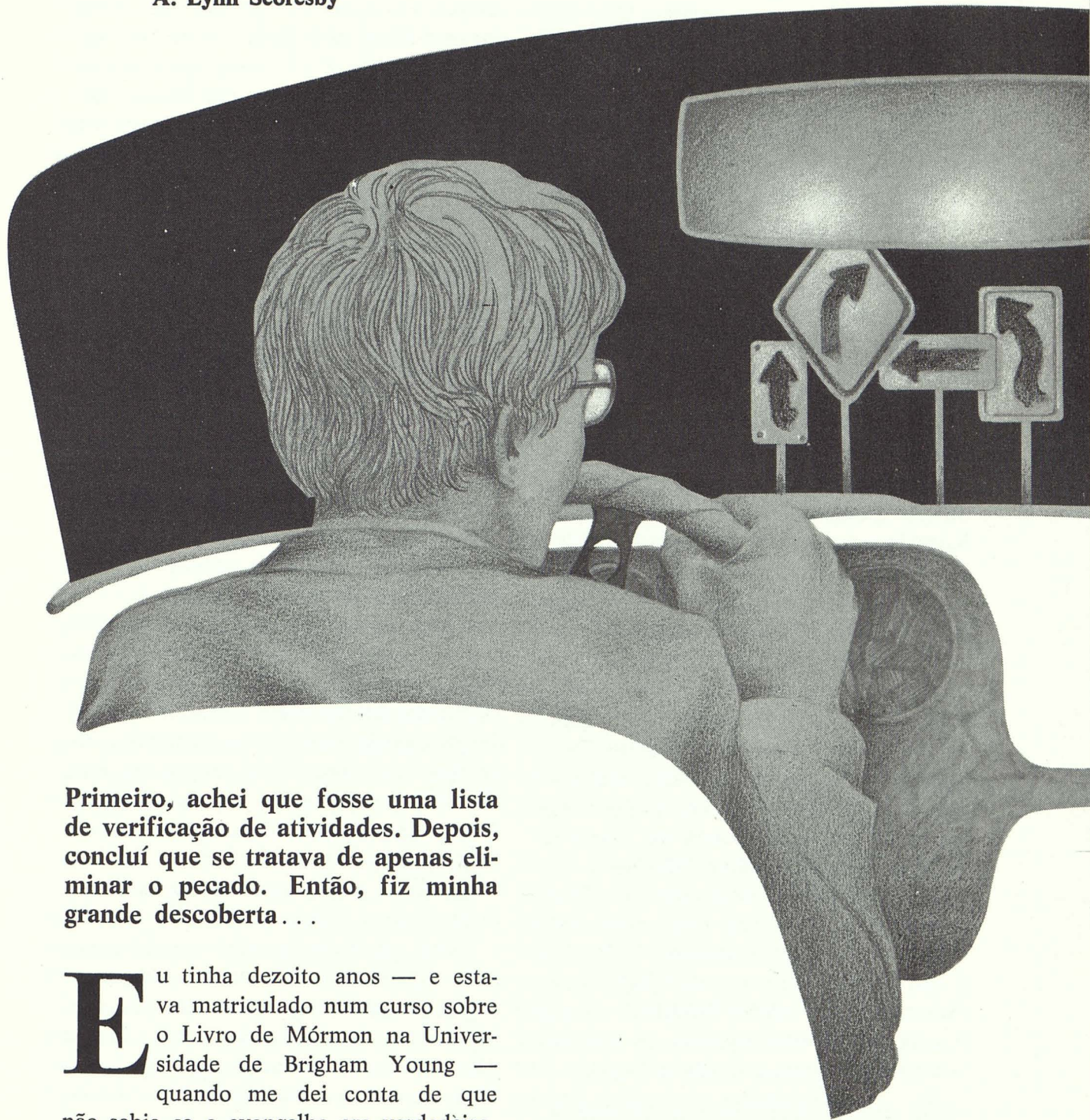
Uma dose excessiva de xantina pode provocar vários sintomas de efeitos colaterais, como diarreia, tonturas, ansiedade, tremores, micção freqüente e insônia. A supressão súbita e total de xantina pode provocar terríveis dores de cabeça. A dose excessiva varia de pessoa para pessoa. Algumas pesquisas revelam que de 50 a 200 mg de cafeína já produzem efeitos perceptíveis.¹ Dois textos farmacológicos indicam as doses acima de 250 mg como excessivas.² Uma xícara, das de chá, de café, contém entre 100 e 150 mg; a mesma quantidade de chá contém 65 a 75 mg.¹

1. J. F. Greden, “Anxiety or Caffeinism: A Diagnostic Dilemma” (Ansiedade ou Excesso de Cafeína: Um Dilema Diagnóstico), *American Journal of Psychology*, 131 (1974): 1089-92.
2. J. C. Ritchie, “Central Nervous System Stimulants, the Xanthines” (As Xantinas: Estimulantes do Sistema Nervoso Central), in *The Pharmacological Basis of Therapeutics*, ed. L. S. Goodman e A. Gilman (New York: MacMillan Publishing Co., 1975), pp. 367-68; E. B. Truitt, “The Xanthines” (As Xantinas), in *Pharmacology in Medicine*, de Drill, 46.ª edição, ed. J. R. Dipalma (New York: McGraw-Hill Book Co., 1971), pp. 533-56.

Dr. Clifford J. Stratton, professor assistente de anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Nevada; sumo conselheiro da Estaca Reno Nevada-Norte.

Jornada Rumo à Retidão

A. Lynn Scoresby



Primeiro, achei que fosse uma lista de verificação de atividades. Depois, concluí que se tratava de apenas eliminar o pecado. Então, fiz minha grande descoberta...

Eu tinha dezoito anos — e estava matriculado num curso sobre o Livro de Mórmon na Universidade de Brigham Young — quando me dei conta de que não sabia se o evangelho era verdadeiro. Chegar a essa conclusão já foi um choque, uma vez que eu já obtivera todos os certificados de reconhecimento e mérito, era extremamente ativo em todo tipo de atividades da Igreja, e sempre

presumira que a Igreja fosse verdadeira. Presumir, porém, não é saber.

Destarte, por ser obediente, apliquei as instruções contidas em Alma 32 e Morôni 10:4-5, e recebi de Deus a certeza de que precisava.

Meu objetivo aqui é simplesmente compartilhar minhas experiências e os conhecimentos adquiridos na tentativa de viver o evangelho. O desenvolvimento espiritual de qualquer indivíduo é, logicamente, um assunto pessoal. Ninguém mais terá minhas exatas experiências ou emoções. Mas parece-me que certos princípios ou conceitos são universais e que minha experiência poderá ser útil para alguns.

FASE UM: A QUESTÃO

O testemunho que havia recebido do Senhor através do Espírito Santo era o bastante para me fazer desejar a retidão. Eu fizera a pergunta certa — o que é retidão? E então, parti para a resposta com algumas premissas erradas. Não havia compreendido as ramificações do testemunho que recebera — primordialmente, que esse testemunho era uma poderosa prova da existência de um Deus pessoal que se importa comigo. Esse simples fato, porém essencial, escapara-me, de algum modo. Eu ainda via a oração como um meio de obter bênçãos e não como veículo de comunicação com Deus. Aprendi, desde aí, que orar objetivando comunicação com o Espírito do Senhor é um propósito muito mais legítimo do que orar para obter bênçãos — que é essa comunhão operando em nós que nos torna melhores, e não a bênção.

FASE DOIS: RETIDÃO É CUMPRIR SIMPLEMENTE TODOS OS DEVERES NA IGREJA?

Eu achava que retidão era nada mais nada menos que fazer tudo o que meus líderes na Igreja me pedissem. Creio

que considerava a retidão como um sistema, um conjunto de regras. Fiz disso, portanto, minha meta, e comeci. Fiz missão, casei-me no templo, fui quase que imediatamente depois ordenado um sumo sacerdote e chamado como conselheiro de bispado, e ocupei muitas outras posições, posteriormente. Procurei freqüentar regularmente o templo, aprender a fazer e cuidar de minha genealogia, realizar noites familiares, pagar dízimo e ofertas, contribuir para os fundos de construção e orçamento, e, em suma, fazer tudo o que meu bispo pedisse.

Não posso negar que as recompensas dessas atividades eram grandiosas. Mas também não posso afirmar que me tornei um espelho de retidão como resultado disso. Eu continuava perturbado por sentimentos de culpa e indignidade. Ainda conservava pequenos defeitos de caráter, e outros males em minh'alma. As atividades na Igreja, por si só, não pareciam erradicar meus pecados.

Minha primeira reação, ao perceber que meus esforços não me livravam de meus pecados foi redobrar meu empenho. Descobri-me mais e mais preocupado em conseguir certo reconhecimento de sucesso na Igreja. Como muitos de nós, presumi, erroneamente, que o chamado para posições elevadas na Igreja significava o selo de aprovação do Senhor. Passaram-se vários anos antes que me livrasse desse engano.

Outro resultado de minha meta voltada à "atividade", fazer tudo o que pudesse, na Igreja, foi o fato de me sentir frustrado e culpado, às vezes, porque não podia compreender todas as instruções que recebia dos líderes. Por vezes, ouvia: "Faça isso; é o mais importante." Em outra ocasião, parecia que outra coisa era prioritária. Quando me sentia espremido entre duas coisas "boas", minha meta de fazer o que me pedissem não me ajudava a tomar as decisões di-

fíceis. A frustração e a culpa se apoderavam de mim, quando descobria que não tinha tempo suficiente para cumprir sempre, e satisfatoriamente, todas as responsabilidades familiares e eclesíásticas.

Com o tempo, descobri algumas coisas importantes. Primeiro, compreendi que, embora minha meta — a retidão — ainda permanecesse, eu me enganara nos métodos para obtê-la. Procurara a evidência exterior, em vez da certeza interior, advinda de meu Pai Celestial. Vi também que satisfazer todas as expectativas de outras pessoas não só era impossível, como também não me fazia sentir totalmente justo e reto. Assim sendo, comecei outra vez.

FASE TRÊS: ELIMINAR O PECADO, POR SI SÓ, É RETIDÃO?

Sorrio um pouco, quando me recordo de minha segunda tentativa. Descobri que retidão tinha algo a ver com eliminar todos os pecados que estava abrigando, e, assim, decidi, simplesmente, parar de pecar. Ora, eliminar os pecados não é tarefa fácil nem divertida. Os métodos que empreguei me parecem agora quase embaraçosos. Não obstante, eu estava sendo sincero.

A fim de livrar-me dos pecados, descobri que tinha de saber quais eram. Comecei a comparar-me com os outros. Não demorou muito até eu achar que não era tão mau assim, afinal de contas. De fato, comecei a gostar da coisa. E, enquanto me concentrava nas faltas alheias, minha culpa e frustrações realmente pareciam diminuir. Assim, não funcionou. Por algum tempo, consegui fingir que não precisava, de fato, modificar-me, mas não pude conservar tal ilusão. Minha consciência não me permitia sufocar por completo os meus pecados.

Fui mais cauteloso na segunda tenta-

tiva de identificar meus pecados. Refleti sobre o que era e o que não era pecado. Descobri que estava apenas adiando alguma ação prática; e vi que seria possível, realmente, tornar-me mais objetivo acerca de quem eu era, e em que precisava modificar-me.

Pude ver que tentara racionalizar meus pecados, achando que muitas das advertências das escrituras e dos profetas modernos não se aplicavam a mim. Pensando dessa forma, pusera-me acima dos outros. Mas, logo que pude, honestamente, reconhecer meus pecados, fiquei menos temeroso — e quase desejoso — de eliminá-los.

De imediato, projetei um programa para eliminar meus pecados. Meu programa resumia-se em dizer a mim mesmo que não iria pecar — não teria pensamentos impuros; nunca mentiria; nunca procrastinaria; não perderia a calma. Foram precisos muitos fracassos e retomadas de caminho, para descobrir mais duas coisas importantes: Primeiro: quando eu tentava evitar o pecado e tinha sucesso, recebia sempre um sentimento cálido e confirmador do Espírito Santo. Segundo: descobri que algumas coisas nas quais procurava não pensar, vinham-me à mente com mais freqüência.

A maior parte do problema, a essa altura, conforme percebo agora, é que eu encarava meus pecados como uma espécie de competição — eles contra mim. Achei que tinha de lutar, combatê-los, e que a retidão era obtida à custa de força de vontade. Tal perspectiva apenas perpetuava a situação. Meu problema a essa altura era minha perspectiva. Eu tentava não fazer coisas negativas, em vez de tentar fazer coisas positivas. Ao invés de definir meus pecados, deveria ter tentado definir os atributos que eu queria ter.

O resultado dessa tentativa de obter retidão, por conseguinte, foi que a maior

parte de meus pecados ainda permanecia comigo, e um ou dois estavam piores do que quando comecei. Acabei considerando-me um completo fracasso.

FASE QUATRO: ACEITAR O "STATUS QUO", OU AS COISAS COMO SÃO

Minha próxima reação foi tão ineficaz quanto as outras. Perdi as esperanças. Decidi que precisava aceitar a realidade — aceitar o fato de que não me conseguia modificar — e então, tentar ser o mais honrado possível, dentro dessas condições. Concluí que não poderia mudar o bastante para ser uma pessoa celestial. O verdadeiro problema era que eu não aprendera como me modificar.

Essa foi, provavelmente, a época mais infeliz de minha vida. O hábito de ser ativo na Igreja estava tão arraigado em mim, que não deixei de participar. Em vez disso, descobri que cumprir mediocremente as designações da Igreja é extremamente fácil. Realizava minhas visitas de mestre familiar, por exemplo, regularmente, porém, no final do mês e de modo bem descuidado. Durante os serviços de adoração, minha mente vagava. Na aparência, eu fazia tudo direitinho, mas, por dentro, sentia-me mal a respeito de mim mesmo, certo de que Deus já não podia amar-me nem me amava. Abandonara toda esperança de algum tipo de recompensa após a mortalidade.

Quase todos nós passamos por esse tipo de sentimento, em algum grau, durante a vida. Tememos a desaprovação advinda do afastamento total de atividade na Igreja, mas, ainda assim, descobrimos meios de resistir ao compromisso pleno e honesto. Tornamo-nos um "água morna". Por exemplo, podemos lecionar na Escola Dominical, mas nunca levamos a sério a lição. Aceitamos algumas designações no programa de bem-estar, ape-

nas porque não conseguimos encontrar uma boa desculpa. Descobrimos falhas nos oradores, líderes ou naqueles que nos parecem hipócritas. Nossas orações tornam-se mecânicas e rotineiras. Consideramos a Igreja como algo que nos tenta controlar — uma instituição grande e complexa que emite pressões e mensagens e nos incute remorsos. Afastamo-nos dos outros, e fazemos segredo da maior parte de nosso sentimento de culpa e frustração.

Nunca disse a ninguém que me sentia assim. Sei que minha vida tinha pouca direção.

FASE CINCO: DESCOBERTA

Mas eu não poderia tolerar essa melancolia e solidão indefinidamente; sempre fora uma pessoa feliz. Minha solidão levou-me a concluir que só eu, e ninguém mais, era responsável pelo desenvolvimento de minha vida espiritual.

Quando descobri que a auto-estima era mais importante que as opiniões dos outros, vi-me, de repente, livre para fazer uma série nova de escolhas. Durante o tempo em que minha auto-estima dependia das opiniões alheias, eu não tinha liberdade para decidir o que deveria e o que não deveria fazer. Não tinha liberdade de escolher — ou mesmo compreender — a retidão, uma vez que decidira a priori, tratar-se de um conjunto complexo de critérios exteriores a que eu tinha de me submeter.

Mas a verdadeira liberdade de escolha, segundo descobri, veio somente quando consegui encarar-me como um filho de Deus, ímpar, singular, responsável pela promoção de meu próprio bem-estar eterno. Descobri, também, que esse tipo de interesse por si próprio não é egoísmo. Somos egoístas somente quando negamos igual interesse aos outros.

Pode haver mais de uma razão para as coisas que fazemos ou dizemos. Um

ato de solidariedade pode ser motivado tanto por egoísmo como pelo desejo de satisfação ou felicidade resultante da prestação de serviço. Isto não quer dizer que o que serve seja egoísta. Fazer algo justo só porque o faz sentir-se bem não é um mau motivo.

FASE SEIS: OS PRINCÍPIOS DA VERDADEIRA RETIDÃO

Armado dessas experiências e entendimento — a lembrança de minha desolação e o sentimento de que me poderia modificar — voltei a ponderar o que seria a retidão. A lembrança da mensagem do Senhor para mim, enquanto fazia o curso sobre o Livro de Mórmon na Universidade de Brigham Young, reavivou-se. Aprendera, naquela época, que o Livro de Mórmon era divino, mas a simples conclusão de que Deus existia era-me agora muito mais significativa. Eu havia perguntado, e ele me revelara sua existência.

E por que essa descoberta foi tão importante? Porque conhecer a Deus é o alicerce da retidão. (V. João 17:3.) Deus se nos revela porque nos ama, e também para que possamos tornar-nos como ele é.

Eu não compreendia que a natureza de Deus era igual à minha, e que, portanto, eu possuía o poder intrínseco de me refinar. (V. D&C 58:28.) O Salvador disse: "... o reino de Deus está entre vós." (Lucas 17:21.) E também disse: "... Buscai primeiro o reino de Deus..." (Mateus 6:33.) Aprendi que devo esforçar-me até conseguir criar essas condições de retidão dentro de mim.

E pareceu-me que a coisa mais bela e radiosa que descobri, ao aproximar-me do Senhor, foi a paz de espírito, o envolvente amor proveniente da comunhão com ele. Antes, o desejo de obter tal comunhão raramente fora motivo de algo que eu tivesse feito. Mas agora, afi-

nal, eu encontrara uma medida infalível para a retidão.

Meu valor e progresso, então, não seriam mais avaliados por minha fama, riqueza, poder ou até mesmo popularidade, nem por quaisquer outros padrões insatisfatórios, por mais estimados ou aceitos que fossem. Meu valor seria determinado pela frequência com que o Espírito Santo me revelasse que eu conseguira tornar-me um pouco mais semelhante ao Pai. A verdadeira retidão, eu descobrira, era aprender a respeito de Deus e tornar-me semelhante a ele.

Depois de identificar, mediante estudo, algumas das características de nosso Pai Celestial, descobri três passos para tentar adquiri-las, a fim de tornar-me mais semelhante ao Senhor.

Primeiro, aprendi que precisava exercitar, sem qualquer pressão externa, meu livre arbítrio para escolher, agir ou pensar como meu Pai Celestial deseja que eu aja ou pense. Era uma escolha consciente, um esforço — porém, algo que eu queria fazer; não uma luta ou peleja. Depois, minha escolha devia ser seguida pela ação. E a terceira parte era a comunhão com o Espírito Santo, o testemunho de que minha escolha era boa, evidência de que eu estava fazendo progressos e confirmação de que meu Pai Celestial me ama.

Permitam-me dar-lhes um exemplo. Minha primeira tentativa de tornar-me como o Pai Celestial foi procurar controlar meu humor. Observei que, ocasionalmente, voltava para casa do trabalho cansado e infeliz. Quando introduzia esses sentimentos em casa, não me portava como bom marido e pai. Decidi que me tornaria mais semelhante ao Senhor, se regressasse diariamente ao lar alegre e comunicativo. Escolhi livremente — e quis — tentar fazer isso. Agi, após a escolha e descobri, pela experiência, que podia modificar meu humor.

Um pequeno "truque" que idealizei foi escolher um edifício localizado a cinco metros de casa. De regresso, após o trabalho, aquele prédio era o sinal para eu voltar meus pensamentos para minha família e a vontade de estar com ela. Recordava, conscientemente, horas agradáveis brincando com meus filhos ou passadas em companhia de minha mulher. Ou então revia mentalmente as alegrias de pai e marido. Esse procedimento foi útil para mim. Agora consigo, quase sempre, chegar bem disposto em casa. E tenho sentido a aprovação do Senhor por meu esforço, uma tremenda motivação para tomar outras decisões e agir, com o intuito de tornar-me mais semelhante a Deus.

À medida que cresceu o desejo de tornar-me mais semelhante a Deus, esses três passos rumo à retidão causaram uma mudança radical em minha maneira de encarar as responsabilidades eclesiais, familiares e pessoais. Em vez de visitar as famílias só para me livrar da tarefa mensal, vejo-me agora querendo visitá-las, porque sei que isso me ajudará a desenvolver características divinas. A motivação é forte — eu cresço e as pessoas que ensino também são beneficiadas. Em vez de pensar que o cumprimento de todas as designações da Igreja se equipara à retidão, compreendo que os programas da Igreja são apenas um dos melhores meios para se praticar os traços que desejamos desenvolver em nosso caráter — um deles, é claro, o de aprender a amar e servir ao próximo. Em vez de comparecer à reunião sacramental por causa do hábito ou por medo da desaprovação, vou sabendo que ali desenvolverei minha habilidade de comunicar-me com o espírito do Senhor.

A família é, provavelmente, o ambiente mais importante para nos ajudar a criar uma personalidade semelhante à de Deus. Senti uma mudança de atitude

quanto a isso, também, de uma tendência de ver os filhos como objetos de obrigação de amor, para a consciência de que a família é a melhor fonte de crescimento e alegria que posso ter, e o melhor local para se ajudar os outros a descobrirem o regozijo e a verdadeira identidade. Sinto necessidade de saborear cada momento de ensino, de riso, de amor, de trabalho e de crescimento mútuo.

Mudou minha perspectiva quanto a meus pecados e minha luta para eliminá-los. Já tenho experiência suficiente nesse processo rumo à retidão, para saber que meus pecados desaparecem quando os substituo por um traço de caráter semelhante ao do Pai Celestial. A energia que usava para conter a ira, por exemplo, posso agora empregar em ser gentil, e, após a escolha, agir de acordo. A ira desaparece, simplesmente porque não há mais lugar para ela. Estou mais interessado em ensinar e amar.

Os que me conhecem melhor — eu mesmo, especialmente — não poderiam afirmar que consegui algum estágio notável de retidão. Fico frustrado, quando descubro uma escolha que me traria alegria, mas que, infelizmente não consigo pôr em ação. Estou certo de que outros já efetuaram a mesma descoberta. Mas já experimentei a alegria e a força que acompanham a bênção de, pelo menos, estabelecer a meta certa.

No último dia, suspeito de que Deus me fará duas perguntas. A primeira: "O que você fez?" será mais fácil de responder. A segunda: "Quem você se tornou?" espero sinceramente responder: "Alguém semelhante a ti".

A. Lynn Scoresby, psicólogo e diretor do "Rocky Mountain Family Institute" é professor da Escola Dominical na Ala I de Highland, Estaca Alpine, Utah.



REI HAMON

Richard G. Oman



Rei Hamon

Um mórmon dedicado, este neozelandês é um dos artistas mais destacados de seu país

Desenho de Rei Hamon, **A Jóia**, que transmite os sentimentos do artista pelo rico sertão da Nova Zelândia, tanto no título como no contexto.



Quando de sua visita a vários países, em 1976, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra recebeu, do governo da Nova Zelândia, um belo desenho a bico-de-pena do paisagista mais famoso do país, Rei Hamon. A homenagem que essa nação lhe prestou é de particular significado para os santos dos últimos dias, pois Rei Hamon, o mais velho entre quatorze irmãos e pai de mais quatorze filhos, é um deles, tendo sido membro da Igreja toda sua vida. Uma paisagem da Nova Zelândia, "Jóias de Okarito", encontra-se agora no palácio real, na Inglaterra. Raríssimas vezes um santo dos últimos dias recebeu tal reconhecimento de sua terra natal.

Filho de mãe branca e pai mestiço maori, Rei foi criado em Gisborne, na costa leste da ilha setentrional da Nova Zelândia. Apesar de sua família ser pobre, todos os membros eram trabalhadores. Quando menino, Rei ajudava seu pai a aumentar gradualmente o pequeno sítio de gado leiteiro, abatendo árvores e arbustos da densa mata que cercava sua casa. Todas as manhãs e noites, a família se ajoelhava no bem varrido chão de terra batida da casa, para as orações. E à noite, ele era embalado pelo canto do "kiwi", da "weka" e do farfalhar nas árvores silvestres.

Quando moço, mudou-se para a região de Urewera, onde trabalhou cortando madeira para currais de ovelhas. Trabalhando com os nativos maoris, aprendeu seu modo de viver. Aprendeu a amar a terra, sua flora e fauna. Depois de viver vários anos naquele sertão, conhecia o

formato e cor de cada folha. Até mesmo os insetos mereceram dele um minucioso exame.

Mas Rei não era um solitário amante da natureza. Amava também a seu próximo. Logo após seu casamento, faleceu-lhe um parente próximo. Rei e sua esposa aceitaram a incumbência de se tornarem os pais dos órfãos. Alguns anos depois, sua mulher apanhou febre tifóide, enquanto cuidava de um filho doente após uma inundação, e faleceu.

Rei casou-se novamente; a esposa desta vez era uma jovem e bela viúva maori, muito tímida. Tornou-se a mãe extremosa de sua família que já contava dez filhos. Ela ainda teve mais quatro filhos, além dos adotivos. Até o presente, o casal Hamon teve trinta e um filhos, muitos deles órfãos adotados.

Por mais de quarenta anos, Rei morou e trabalhou na floresta. Um ferimento sério nas costas pôs cobro a seus dias de pesado trabalho físico, ameaçando-o com a ruína financeira e uma deprimente vida de inatividade. Certa manhã, depois de os filhos haverem saído para a escola, ajoelhou-se no quarto em companhia da esposa, e ambos oraram por uma solução do problema. Quando terminaram, Rei observou que sua filha de seis anos fora à aula sem levar a caneta esferográfica e o bloco de desenho. Apanhou-os e se pôs a desenhar, algo que não fazia desde os dias da escola primária. E foi um reinício inspirado.

Com muita prática, desenvolveu um estilo peculiar e incomum — combinando a meticulosa atenção aos pormenores, de artistas como Van Eyck (1370?-1440, pintor flamengo), à técnica de pontilhistas franceses, como Seurat (1859-1891) — chegando, por fim, a um estilo exclusiva-

mente seu. Usa poucos traços em seus desenhos; grande parte de cada obra é composta de pequeninos pontos aplicados com a caneta no papel ou pergaminho.

Sentindo-se envergonhado de seus primeiros desenhos, ele os escondeu. Mas sua mulher os encontrou e levou-os ao fotógrafo local para que os fotografasse. O profissional ficou admirado com a qualidade do trabalho e o apresentou ao diretor de uma das maiores galerias de arte de Auckland, o qual se propôs, imediatamente, a fazer uma exposição da obra de Rei. E também fez com que Rei se familiarizasse com canetas especiais, de ponta muito fina, o que lhe permitiu desenvolver o controle necessário para executar o soberbo detalhado das obras, pelos quais se tornou famoso. Abriu-se uma nova carreira para ele. Desde aí, já expôs suas gravuras em quase todas as cidades principais da Nova Zelândia. Acaba de regressar de uma viagem pelo país (de 19.300 quilômetros), exibindo suas obras e fazendo conferências a respeito do ambiente nativo da Nova Zelândia, do qual se tornou o maior divulgador. Rei está chegando a sua centésima exposição em quase treze anos. Recentemente, recebeu um convite para percorrer a Rússia, fazendo conferências sobre preservação da fauna e flora, e para expor sua arte.

“JOIAS DE OKARITO”

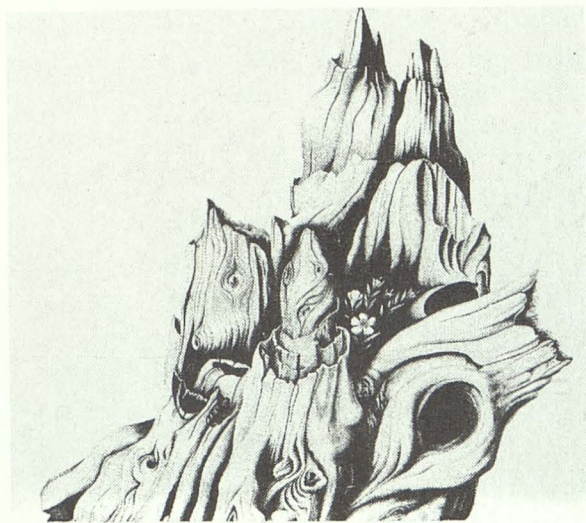
A gravura com que a rainha foi apresentada representa uma fusão da arte de Rei com suas atitudes para com a natureza e sua preservação. A floresta e as montanhas que circundam a Lagoa Okarito, retratadas na gravura, são o último reduto do “kotuku”, ou garça branca. O “kotuku” é sagrado para os

maoris que, demonstrando seu elevado conceito da Rainha Elizabeth, anos atrás cognominaram-na "Te Kotuku Rerengatahi" ("A rara garça branca de vôo sem par.") As grandes árvores no desenho — o "matai", a "totara", a "kahikatea" e o "kauri" — representam as magníficas matas que circundam a lagoa. O ramo no qual estão pousados os pássaros, representa a mão do homem — a mão que detém o destino deles, garantindo-lhes sobrevivência ou conduzindo-os à destruição. O ramo elevado simboliza o levantamento da mão direita no ato de apoiar aqueles que trabalham para preservar a herança da Nova Zelândia. Aninhadas na "palma", vêem-se quatro florzinhas, representando a mais preciosa de todas as bênçãos — os filhos — que devem ser amados e protegidos pe-

los pais. É uma súplica para que se proteja o meio-ambiente da mesma forma como se protege a família. A arte de Rei contém muito desse tipo de mensagem.

OS ASSUNTOS RETRATADOS POR REI

Rei Hamon desenha apenas cenas da flora e fauna naturais das matas da Nova Zelândia. Não retrata suas fazendas e cidades, pois são semelhantes às de outros países. Na busca das antigas árvores retorcidas, videiras e samambaias, bem como de folhas e insetos, ele expressa seu amor à herança peculiar e natural da Nova Zelândia. Rei também já escreveu e publicou poesias, expressando suas idéias.



"Kauri Knot", ou Órfão no Bosque, foi desenhado a partir de um pedaço de madeira flutuante, lançado às costas do país pelas ondas do mar. A samambaia à esquerda representa Cherrie, filha adotiva, quando o casal Hamon a adotou. A flor, ao centro, representa Cherrie na época em que este desenho foi feito.

Em "Wetas", o irmão Hamon mostra-nos que a vida abundante pode ser encontrada em toda a parte — até mesmo em meio à erosão da natureza.



Rei desenha diretamente de sua memória vívida. Costuma trabalhar até altas horas da noite, na solidão de seu quarto, enquanto os familiares dormem. Em uma dessas ocasiões, escreveu: "Minha mente é levada às profundezas místicas do ambiente que tanto amo... A mente imersa nesse intenso afã remove, inconscientemente, o véu que separa o consciente do subconsciente, permitindo que nossa capacidade criativa e compositora se erga acima dos limites normais... Estou cômico da existência de um poder maior, de outra mão além da minha."

O resultado de tais experiências transparece muito bem em seus quadros. Um crítico descreveu como a arte de Rei dá ao espectador "uma visão dos processos naturais de crescimento e degeneração, da majestade das coisas vivas, exemplificada nas densas matas do sertão com toda sua riqueza e qualidade mística, que exercem tão freqüente e irresistível atração sobre os neozelandeses... As paisagens que ele retrata... tornam-se mais vivas que o quadro real."

Outro adverte o espectador: "Uma abordagem superficial não lhe faz justiça. É preciso estudar a fundo, com cal-



ma. Somente então será possível apreciar-lhe a beleza e o significado.”

Embora Rei continue pobre, segundo os padrões mundanos, tem havido uma crescente procura de suas obras no mercado de arte. Recentemente, um de seus desenhos foi vendido por vinte mil dólares, recorde mundial para desenhos a bico-de-pena, de um artista vivo.

ARTE RELIGIOSA

Muitos dos primeiros desenhos de Rei foram reproduzidos num livro intitulado *Rei Hamon, Artist of the New Zealand*



AGOSTO DE 1980



O desenho "Jóias de Okarito", que foi ofertado à rainha Elizabeth em 1976, é um enaltecido símbolo da visão que Hamon tem da natureza.

Um pormenor de "Flax". Desenhado em 1970. "Flax" capta aspectos da flora neozelandesa. Hamon fez este quadro de memória, assim como faz toda sua obra.

Bush, (Rei Hamon, Artista do Sertão Neozelandês), já na segunda edição. Essa autobiografia retrata os valores pessoais e artísticos do pintor. Fala da oração familiar diária, da comunicação com os adolescentes, da natureza eterna da família, da importância da noite familiar semanal, do trabalho árduo e dos resultados da oração. Rei proclama claramente seus valores nesta passagem do livro:

“Se me perguntassem qual é a maior necessidade do mundo, além do sustento básico da vida, eu diria, sem hesitação: o amor materno e pais exemplares tentes a Deus. Nossos lares são o manancial de nossa vida futura. Se o manancial for puro, teremos muito menos problema em manter as águas que dele fluem para o mundo livre de poluição...

Ao passarem os anos, sinto aumentar minha admiração pela natureza que amo, e crescer meu apreço e amor à minha zelosa mulher e nossos quatorze filhos, ... memórias e princípios que, no valor espiritual, fariam com que as jóias da coroa se transformassem em um punhado de barro.”

Escrita para uma audiência de não-membros da Igreja, a autobiografia consegue transmitir muitos dos valores mais profundos de sua fé.

Essa mescla de talento e testemunho não passa despercebida. Um repórter neozelandês resumiu assim o caráter e a arte de Rei:

“Há indivíduos que se aproximam do neozelandês ideal e Rei Hamon é um desses... ele (possui) características que gosto de considerar verdadeira e distintamente neozelandesas. Ele tem sangue maori, e uma esposa maori, Maia; é caloroso, franco, sem nenhuma afetação e dedicado à família; ama o sertão onde

viveu e trabalhou; aprecia a vida em grupo, mas também possui recursos individuais, e extrai força da silente e solitária comunhão com a natureza... É... um artista autodidata, cuja inocência e espontaneidade transmitem força às suas gravuras. Tem um modo próprio de ver as coisas que procurou, com todo empenho, traduzir numa técnica muito pessoal.”

A vida e obra de Rei são um exemplo soberbo de fiel artista santo dos últimos dias. Já ocupou quase todos os cargos no Ramo de Tâmis, inclusive o de presidente. Atualmente, serve como líder missionário do ramo, e sua mulher é a presidente da Sociedade de Socorro. Enquanto o mundo presta homenagem a Rei, ele continua firmemente voltado para a família. Transmite a mensagem do evangelho através de sua arte, seus escritos, conferências e sua vida. Conseguiu expressar sua fé profunda, bem como o grande amor às tradições e ao ambiente de sua terra natal.

“A arte é o produto de uma grande bênção e uma maravilhosa parceria”, escreve ele. “O Senhor é um dos membros e minha querida esposa, nossas crianças e todos os meus irmãos são os demais. Recebi a grande bênção de manejar a pena. Retirando um desses elos da parceria, nossa arte e sua beleza certamente falharão. Sinto-me humilde e grato de participar dessa grande parceria.”

Richard G. Oman, curador de coleções do Departamento Histórico da Igreja, serve como sumo conselheiro na Estaca Salt Lake Liberty.



Mike Johnson e Curt Brinkman passaram árduas horas de treinamento na pista de atletismo da B. Y. U.

MIKE E CURT NÃO DESANIMAM

Debra Spong Hadfield

Vamos conhecer Mike Johnson e Curt Brinkman, dois dos maiores atletas paraplégicos. Eles estão batendo recordes e ganhando um número incrível de medalhas e troféus, não só em competições americanas, como também nos Jogos Olímpicos.

Primeiramente o Curt. Hoje ele tem vinte e cinco anos, mas não tem dificuldade alguma para se recordar de quando estava com dezesseis. "Eu tinha dois metros de altura e gostava muito de jogar bola, especialmente basquetebol. Jogava no time da escola, e até sonhava ser algum dia jogador profissional em Nova York."

Curt foi criado em Shelley, Estado de Idaho, e sempre arranjava trabalho nas fazendas da vizinhança. "Eu gostava muito de trabalhar. Economizei tudo o que pude, desde menino, a fim de conseguir dinheiro para a missão e a universidade." Curt economizou seis mil dólares.

Seu acidente aconteceu certo dia durante uma folga no trabalho.

"Sabe como é, os jovens às vezes tentam fazer bobagens. Olhei um poste de luz e pensei: 'Ali está algo desafiador para se escalar'. E escalei." As testemunhas disseram que três choques elétricos o mantiveram suspenso no ar, antes de despencar de sete metros e meio de altu-

ra na lama. "O médico disse que o impacto da queda fez com que meu coração batesse outra vez; por isso estou vivo. Deitado ali no charco, eu pensei: 'Nunca mais jogarei basquetebol'."

Curt passou seis penosos meses no hospital. Lembra-se de que seus familiares e amigos o ajudaram muito durante esse período. Seus amigos o visitavam regularmente. O pai insistia bondosamente que aprendesse a ser independente. A cidadezinha ajudou com campanhas de arrecadação de fundos, a fim de pagar as despesas médicas. Quando voltou à escola, os colegas incentivaram-no e o ajudaram a ver o lado melhor da vida. Curt conseguiu formar-se com sua classe.

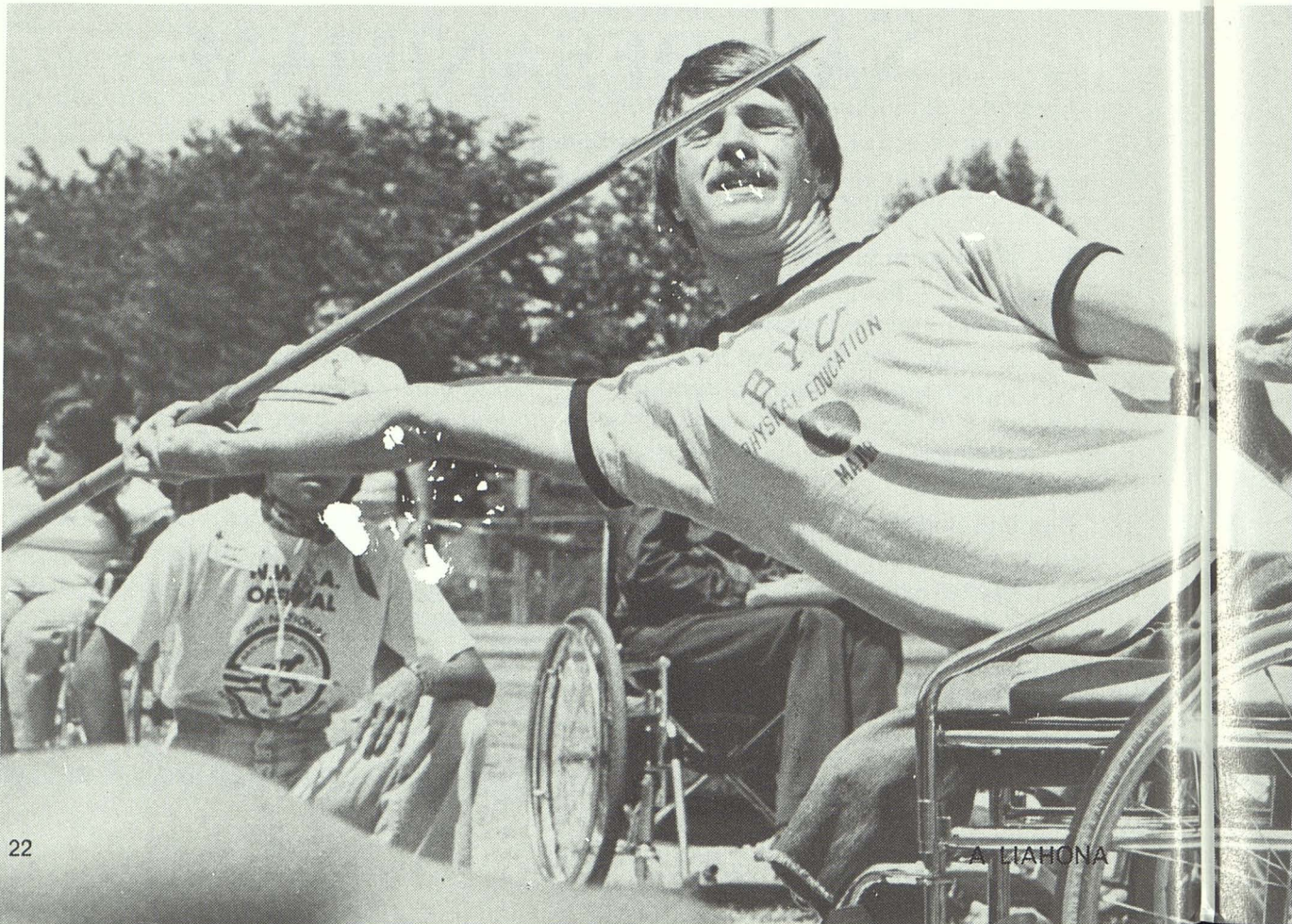
Seu testemunho também o ajudou. Segundo suas próprias palavras: "Sou grato por ser mórmon. Sei que esta vida é somente um pequenino ponto dentro da eternidade. Algum dia terei minhas pernas sadias e correrei outra vez."

Curt graduou-se em administração de empresas no Ricks College, em Rexburg, Idaho. Na faculdade, conheceu Bonnie Hymas. Casaram-se em 20 de dezembro

de 1975, no Templo de Idaho Falls. Por coincidência, Mike e Jan Cryer haviam-se casado um dia antes, no Templo de Provo. Os dois casais não se conheciam nessa ocasião. Bonnie e Curt têm agora um filho, Gregory Adam, de dois anos de idade, e uma filha, Lorian, de cinco meses. Gregory gosta de dar saltos sobre a cadeira de rodas do pai, indo cair nos braços de Bonnie.

Mike e Jan têm dois filhos, Seth, de dois anos e meio, e Matt, de um ano e meio, além de uma filha, Rachel, de oito meses. Mike é alguns anos mais velho que Curt. Acaba de completar 31 anos, e Jan brinca com ele, por causa disso. Mas ele não é velho demais para participar de competições atléticas em cadeira de rodas. Mike conta que um homem de mais de cinquenta anos, paraplégico, venceu uma corrida de cadeira de rodas com obstáculos da categoria dois, na Califórnia.

Mike foi criado na Virgínia Ocidental, onde seus pais são membros da Igreja. Matriculou-se na Universidade de Brigham Young, e, como calouro, já se



apaixonou pelas montanhas. Passou muitas horas caçando e escalando. Agora, conta histórias da vida selvagem aos filhos, todas as noites. "Prefiro fazer isso", diz ele, "do que ler-lhes uma história."

Jan conta que Seth escuta atenciosamente, e, quando a história termina, diz: "Não gostei dessa história. Conte-me outra."

Após cumprir seu primeiro ano na faculdade, Mike alistou-se na Marinha. Servindo no Vietnã, pisou numa mina, perdendo ambas as pernas. Da mesma forma ocorrida com Curt, o período de recuperação foi sofrido. Sente-se grato pelo apoio de sua família, e lembra: "Meus pais ajudaram-me muito. Papai incentivou-me a não desistir. Ajudou-me a desejar viver."

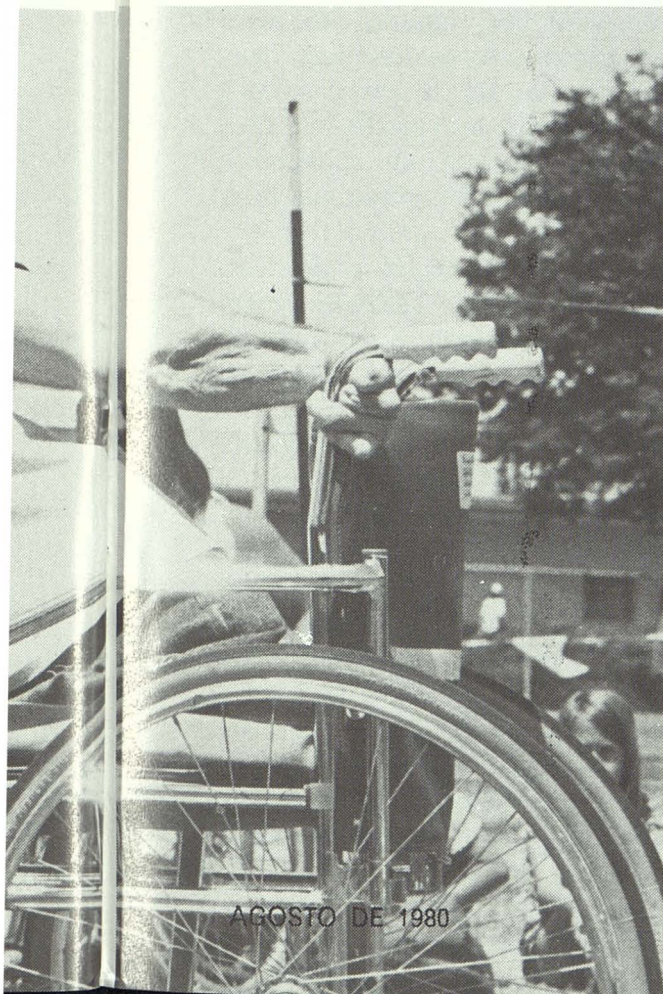
Retornou à universidade em 1971. Foi lá que conheceu Curt. "Observei-o saindo do carro. Ele realmente se locomovia bem, e achei que se tornaria um grande jogador em nosso time de basquetebol de paraplégicos. Deixei um bilhete em seu carro, convidando-o a juntar-se

a nós para jogar." Esse convite se transformou numa amizade duradoura.

Participaram também de outras competições, após um homem com quem jogaram basquetebol em Denver, Colorado, dizer-lhes que deveriam inscrever-se em outras atividades atléticas. Enviou-lhes informações acerca de campeonatos nacionais para paraplégicos, e ambos começaram a treinar na pista de atletismo da Universidade de Brigham Young. Isso foi em 1976.

Naquele mesmo ano, dirigiram-se a Denver, e foram os primeiros colocados em algumas competições. Dali, viajaram para San José, Califórnia, onde se classificaram para o campeonato nacional em Nova York, e os Jogos Olímpicos, em Toronto, Canadá. Quarenta e seis países participaram das Olimpíadas. Juntos, Mike e Curt trouxeram para os Estados Unidos três medalhas de ouro, uma de prata e três de bronze. Um resultado excelente para o primeiro ano de competições!

Mike e Curt não competem um contra o outro, pois participam de catego-



Ser um dos melhores lançadores de dardo de sua categoria, exige muito treino de Mike Johnson.

Curt Brinkman trabalha arduamente, a fim de ganhar troféus nas maratonas em todo o país.

rias diferentes. As categorias são determinadas de acordo com a deficiência física do atleta. Há cinco categorias, numeradas de 1 a 5, sendo que a primeira é para os mais deficientes. Curt compete pela categoria cinco, e Mike, pela categoria quatro.

Observem agora suas realizações individuais.

Mike destaca-se no arremesso do dardo. Detém o recorde nacional da categoria quatro. É, também, o melhor competidor americano de cadeira de rodas com obstáculos. Essa competição é uma carreira com obstáculos que testa a rapidez e habilidade do atleta, e Mike é muito ligeiro. Jan adora assistir às competições. Acha-as emocionantes.

Jan recorda que, não podendo comparecer aos Jogos Olímpicos, Mike lhe telefonava após cada prova, e classificou-se em todas! Foi o primeiro colocado no boliche, mesmo sem nunca haver jogado antes. Foi o primeiro em tênis de mesa, o segundo nos cem metros rasos e terceiro no arremesso de dardo. Mike também ganhou medalhas de ouro na corrida de oitocentos metros, de cem jardas (91 m) e em natação.

No campeonato de Denver, em 1976, Mike ganhou cinco medalhas de ouro e uma de prata, além do troféu de "Atleta Masculino mais Destacado da Competição".

Este ano, Mike já jogou 30 partidas de basquetebol no país. É o segundo "cestinha" do país. Também jogou tênis e nunca foi derrotado em Utah nas partidas simples. Como ele vence no tênis? Explica: "Tão logo a bola parte da raqueta do adversário, tenho de saber para onde vai. E eu tenho reflexos rápidos."

Este ano não viajou a fim de participar de campeonatos, embora goste das competições. Ele diz: "Os jogos me afastam muito tempo de casa. Sinto falta do atletismo, mas minha família vem em primeiro lugar."

E Jan acrescenta: "Mike decidiu ficar em casa e ser marido, pai e jardineiro."

Os resultados de Curt também impressionam. Foi o segundo colocado na categoria de cadeira de rodas, em abril de 1977, e repetiu a façanha em 1978, na Maratona de Boston, em Massachusetts. Completou a distância de quarenta e dois quilômetros em duas horas, trinta e quatro minutos e quinze segundos.

A Maratona de Boston é a maior e mais antiga competição nos Estados Unidos, e somente os atletas mais destacados são escolhidos para participar. Este ano havia 20 corredores paraplégicos, participando a uma temperatura abaixo de 5°C.

O atleta paraplégico vencedor da Maratona de Boston este ano foi Ken Archer, um mórmon de Akron, Ohio. Curt disse: "Ken é o maior sujeito que já conheci. Quando venceu, cruzou a linha de chegada com as mãos erguidas em triunfo e cabeça baixa, em humildade."

Curt classificou-se, em 1977, em todas as provas de Denver, Colorado, conseguindo dois primeiros lugares na prova de 100 jardas (91 m) e na corrida de oitocentos metros. Em San Diego, Califórnia, colocou-se em segundo e terceiro lugares, em cinco provas. Em San José, no mesmo Estado, foi o primeiro nos cem metros, batendo o recorde mundial. Foi o terceiro colocado em boliche e arremesso de disco, e o quarto no arremesso de peso.

Nesse mesmo ano, Curt foi o primeiro colocado na categoria de cadeiras de rodas na Maratona Deseret News, na Cidade do Lago Salgado, e na Maratona Pioneer, em St. George, ambas em Utah. Em 1978, foi o primeiro colocado na Maratona da Cidade de Nova York, e agora detém o recorde nacional dos mil e quinhentos metros.

Curt foi eleito o "Atleta do Ano" em 1978 e 1979, na Convenção Regional das Montanhas Rochosas, em Denver, Colorado.

Mike e Curt também cuidam de sua carreira profissional. Mike foi conselheiro do Hospital Estadual em Provo, Utah, e desenhista do "Bureau of Recla-

mation”, e está agora terminando seus estudos na Universidade de Brigham Young, na área de higiene e saúde. Sua meta é ser treinador de times universitários de basquetebol.

Curt adquiriu experiência em vários empregos. Foi vendedor de seguros, recepcionista de motel, operador de sistema de sinalização de estrada de ferro, e encarregado de seguros em um hospital. Trabalha, atualmente, na firma “Handicapped Awareness, Inc.”, de Provo, Utah. Formou-se em psicologia pela Universidade Brigham Young em 1978, e está agora fazendo mestrado em administração de reabilitação.

Atividades na Igreja formam outra parte de sua vida. Mike trabalha com escoteiros jovens na Ala IV de Alpine, Estaca Alpine Utah.

Curt e Bonnie são membros da Estaca Provo Oeste, Ala III de Sunset. Curt foi presidente do quorum de élderes em outra ala, e agora serve como primeiro conselheiro na presidência do quorum.

Serviço é outra faceta importante de sua vida. Para conseguir o dinheiro a fim de adquirir um ônibus adaptado para portadores de deficiências físicas, Mike e Curt ganharam adesão de muitos, e então rodaram cento e oitenta e cinco quilômetros em torno do Lago Utah, em dezesseis horas. Com isso, também bateram o recorde mundial, que era de cento e setenta e quatro quilômetros em oito dias.

Em maio de 1978, Curt rodou, em cadeira de rodas, cento e cinquenta e sete quilômetros de Cedar City, Utah, até a Cidade de Lago Salgado em cinco dias, angariando perto de doze mil dólares em adesões para os “Selos de Páscoa” (campanha de arrecadação de fundos para pesquisa e auxílio dos portadores de deficiências).

Curt afirma que todas essas viagens lhe proporcionaram oportunidade de fazer a obra missionária. Foi convidado a comparecer a uma festa em Boston, Massachusetts, em homenagem aos cinquenta atletas mais destacados. Quando

lhe perguntaram por que não tomava bebidas alcoólicas, pôde falar acerca do evangelho.

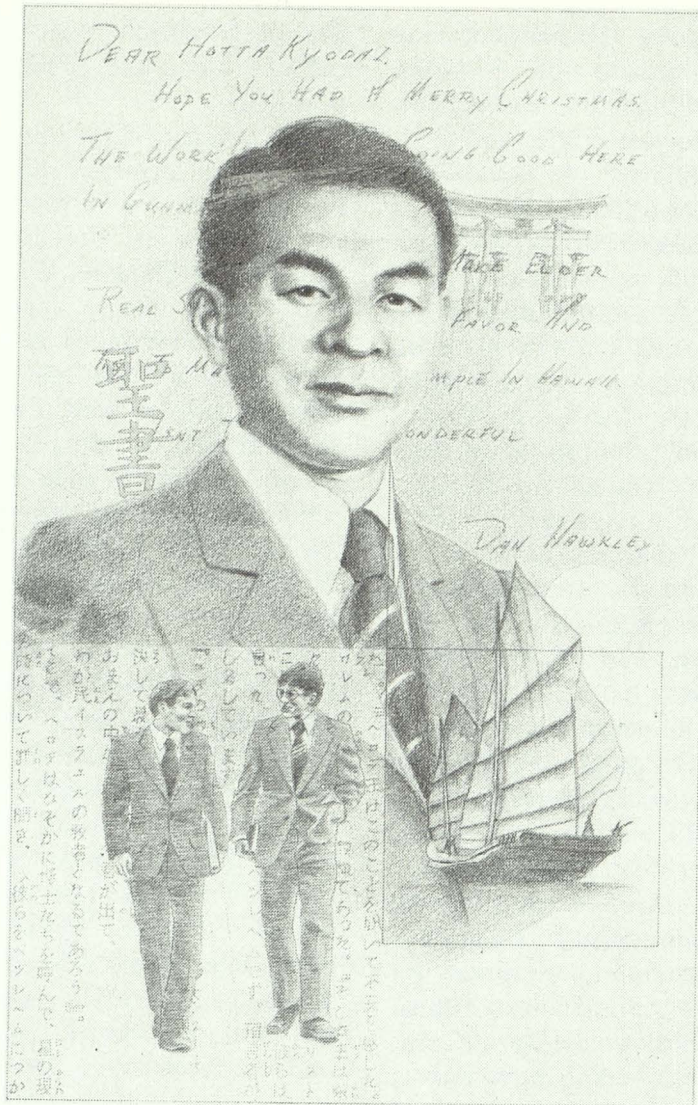
Ele também acha interessante como as pessoas se mostram preocupadas acerca do que fazer e dizer em presença de um portador de deficiência física. Afirma que, geralmente, é o que as pessoas não dizem que o fere. Por exemplo, quando uma criança se aproxima e pergunta por que ele não tem pernas, gostaria de que os pais o deixassem responder, em vez de simplesmente mandarem que o menino se cale e saia dali. E explica: “A criança cresce achando que não se deve aproximar dos portadores de deficiências, e isso não é bom, nem para um nem para outro.”

Mike tem alguns conselhos que, afirma ele, se aplicam a todos, sejam portadores de deficiências ou não. Primeiramente, afirma que não gosta de desanimados. Então, acrescenta:

“Não tenha medo de experimentar coisas que você acha que não consegue fazer. Tudo o que desejar, esforce-se cento e dez por cento para conseguir. Quer suas metas digam respeito ao trabalho, igreja, escola, emprego, casamento ou qualquer outra coisa, simplesmente não desanime, não desista jamais!”

Nota Especial

Curt Brinkman foi o primeiro colocado na categoria de cadeira de rodas da conhecida Maratona de Boston, em Boston, Massachusetts, em 21 de abril de 1980. A Maratona de Boston é considerada a mais importante competição do gênero nos Estados Unidos, na qual competem corredores de todo o mundo. O tempo conseguido por Curt para a distância de 42 km foi de 1 hora e 55 minutos, um novo recorde para o grupo de cadeiras de rodas. Este tempo foi também 17 minutos menor que aquele conseguido pelo mais rápido corredor, Bill Rogers — que obteve o primeiro, segundo, terceiro e quarto lugares nas maratonas, índices jamais registrados por um americano.



Enfoque Missionário

Não Podia Esquecer-me do Desafio

Tohru Hotta

É costume os missionários apresentarem relatórios ao presidente da missão. De fato, os presidentes geralmente gostam de manter contato com os “seus missionários” por todo o resto da vida. Mas não é comum um presidente de missão fazer relatório ao missionário que lhe ensinou o evangelho. Isto é o que eu gostaria de fazer.

Quando me filiei à Igreja, não entendia perfeitamente o significado da lei do dízimo. No entanto, conhecia-a e acreditava em você, Élder Dan Hawkley, e prometi-lhe que a cumpriria. Dava para perceber que você estava ansioso de que eu cumprisse a promessa.

Em 1964, havia apenas uma missão no Japão, a Missão Extremo

Oriente-Norte. Alguns meses depois de ensinar-me, você foi transferido para um local muito distante do meu pequeno ramo. Ao partir de trem, suas últimas palavras foram: “Querido Irmão Hotta, pague o dízimo e guarde o dia do Senhor.”

Não podia esquecer-me do desafio que recebera. Todavia, para ser honesto, devo admitir que estava desejoso de adquirir uma bela e lustrosa Bíblia japonesa, semelhante à que você possuía. Desejava comprá-la para ajudar-me a não esquecer o que aprendera, bem como do élder que me ensinara. Mas era muito cara para minhas posses.

Achei que, se não pagasse o dízimo, teria dinheiro para comprar a Bíblia. Satanás falou-me, em sussurro: “Compre-a. O dinheiro é seu. Não se preocupe.”

Mas, querido élder, não podia esquecer-me de seu desafio. Sabia que fora feito através do poder do santo sacerdócio e do Santo Espírito. Não comprei a tal Bíblia. Em vez disso, paguei o dízimo. E, vencendo esse desafio, consegui compreender o verdadeiro significado do dízimo como um convênio entre mim e o Senhor.

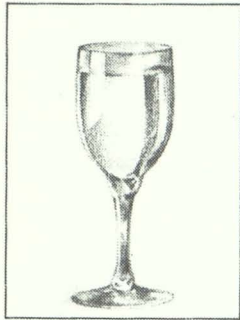
Alguns meses depois, o carteiro passou lá em casa e deixou-me um pacote. Era uma caixa de tamanho médio. Quando a abri e retirei a bela e reluzente Bíblia japonesa que você me enviara, um presente maravilhoso, chorei de alegria, ante o seu profundo amor. Então li a dedicatória escrita na página interna:

“Querido Irmão Hotta, espero que tenha tido um feliz Natal. A obra vai muito bem aqui em Gunma. Estude bastante. Você logo poderá ser um élder. Faça-me um favor e esforce-se para ir ao Templo do Havaí. O evangelho não é maravilhoso? Com amor, Élder Dan Hawkley.”

Desde aí, sempre paguei o dízimo. Também fui ao templo com minha mulher. E parte da razão de ter sido capaz de fazê-lo foram os desafios e promessas que me fez como representante do Senhor.

A fim de guardar o dia santificado, tive de perder meu emprego certa vez. Mas agora sei que Deus vive. É uma grande alegria, não? Noutra ocasião, logo após meu casamento, fiquei muito doente. Durante dois anos, minha saúde foi piorando, e os médicos não tinham esperança de que eu me recuperasse. Finalmente, entretanto, após uma poderosa bênção do sacerdócio, minha saúde foi plenamente restaurada. Sem sua ajuda e a dos outros missionários, acho que jamais saberia da restauração do sacerdócio. Não sei como agradecer-lhes a sinceridade de seus corações e seu amor por mim.

Minha mulher e eu começamos a presidir a Missão Japão Sapporo em 2 de julho de 1979. Fomos designados pelo Élder Gordon B. Hinckley na Cidade do Lago Salgado. Este é meu relatório para você, Élder Hawkley. Quero que saiba que minha Bíblia japonesa, lustrosa e bela, agora surrada pelo estudo e leitura é uma das coisas mais preciosas que possuo.



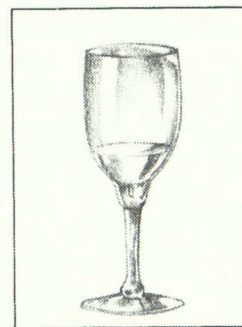
O Único Tesouro Verdadeiro

Elder F. Enzo Busche
do Primeiro Quorum dos Setenta

Os povos sempre buscaram tesouros. As pessoas sempre desejaram ter algo de seu, alguma coisa que pudessem conservar; algo que as tornasse ricas, que lhes garantisse força, segurança, abrigo; algo que lhes permitisse sobreviver. As pessoas tentam, constantemente, encontrar tais coisas no mundo. Essa busca é uma das forças que levaram os povos, no passado, a se locomoverem de um continente a outro. Isso excitava sua imaginação.

É óbvio que os tesouros encontrados no mundo não podem dar às pessoas tudo aquilo que esperam. Muitos levam a vida inteira para, finalmente, descobrir que nem com todos os tesouros e riquezas do mundo, que conseguiram amearhar, possuem o tesouro verdadeiro.

Continuam vazios, infelizes, insatisfeitos e tomados de crescentes temores. O milagre do único tesouro verdadeiro é que sempre produz bênçãos e faz desaparecer o medo. Falo a respeito do tesouro de haver encontrado Cristo, de poder conhecê-lo — não apenas saber tudo a respeito dele, mas realmente conhecê-lo, como é possível quando se está a seu serviço na Igreja restaurada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nesta última dispensação. Servindo agora como presidente de missão, sinto-me humilde ao compartilhar esta experiência missionária com muitos jovens de diferentes nações, filhos e filhas de nosso Pai nos céus, que dão dois anos de sua vida, esquecendo-se de sua própria comodidade e carreira profissional, a fim de levar a mensagem do evangelho verdadeiro e restaurado da salvação a seus



semelhantes. Ao desenvolvermos essa capacidade de seguir a Cristo, fazer sua vontade, sobrepujar nossos próprios desejos terrenos, escolhemos o caminho que conduz a essa satisfação profunda e real, verdadeira proteção contra as ameaças da vida, e nossos temores terrenos e naturais.

É realmente necessário que nós, como membros da Igreja, decidamos, dia após dia, se queremos que nossos temores dirijam nossas ações, ou se viveremos com uma prece constante no coração, a fim de sermos capazes de analisar todos os sentimentos e emoções que se nos apresentam. Assim aprenderemos a nos valer dos poderes dos céus, que nos permitirão vencer e permanecer em solo sagrado, guiados e dirigidos pelo Espírito Santo. O que isso realmente significa? O que

é esse tesouro verdadeiro que nos permitirá viver em felicidade e alegria, em confiança e poder, diariamente? Significa que estabelecemos um estreito relacionamento com Cristo, o Salvador, o Redentor, o Messias, Jeová, o Unigênito de Eloim, e permitimos que ele e seu Espírito tomem posse de nossa vida. Significa aprender a aceitar, apreciar e sempre seguir a orientação do Espírito. Requer coragem e compromisso, porque nos leva a seguir novos caminhos, às vezes caminhos que ninguém ainda percorreu, que exigem que andemos a “segunda milha”, que ajamos totalmente ao contrário das outras pessoas do mundo. Podemos, por exemplo, ser inspirados a sorrir quando alguém nos ofende, a amar quando outros odeiam, a agradecer quando outros nada acham para serem gratos, a aceitar trabalhos que outros rejei-

tariam por orgulho, a pedir desculpas quando outros se defenderiam, e a fazer todas aquelas coisas aparentemente tolas a que o Espírito costuma induzir o coração reto, honesto e atento. Deixar-se guiar pelo Espírito nos capacita, como dizem as escrituras, a acumular tesouros nos céus, "... onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam". (Mateus 6:20.)

Não basta apenas saber que haverá tesouros nos aguardando nos céus. Quando seguimos consistentemente o Santo Espírito, em firme e constante atitude de oração, o mundo de milagres se nos abre agora, nesta vida. E a conseqüência será uma vida de verdadeiras aventuras, de assombro constante e crescente, de visão surpreendente, de novos aspectos, novas dimensões de alegria e paz.

Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos sido abençoados com revelação direta dos céus, que nos dá o conhecimento de que, ao estarmos em harmonia com o Espírito, estamos em harmonia com a vontade de Deus, e assim tudo nos acontecerá de acordo com nossos desejos. "Aquele que pede em Espírito, pede de acordo com a vontade de Deus; portanto, é feito de acordo com o que pedir." (D&C 46:30; v. também D&C 50:29.)

Desejo relatar uma preciosa experiência que tocou minha vida e abriu-me os olhos do entendimento. Como homem de negócios, eu era responsável pelas vendas de um grupo de clientes, enfrentando o constante desafio de manter um bom relacionamento como vendedor, a despeito de não participar de hábitos populares como beber, fumar, contar

piadas impróprias, coisas que o Espírito não me permitia fazer. Certo dia, enquanto trabalhava em meu escritório em Dortmund, Alemanha Ocidental, recebi telefonema de um de meus clientes, que me chamava de Paris, França. Sua companhia participava de uma feira, e ele me convidava para comparecer, e assim, poderemos conversar acerca de negócios. Fui imediatamente avisado e alertado pelo Espírito de que o verdadeiro motivo de me convidar a ir a Paris era, além de falar de negócios, ter alguém que pagasse suas contas de diversões naquela cidade caríssima. Fiquei honrado pela oportunidade de aumentar os negócios, mas temeroso ante as difíceis decisões que teria de tomar. Sabia que tinha de ir, pois essa era minha obrigação, como vendedor. Tomei o trem noturno para Paris, viajando com uma oração constante, a fim de conseguir sucesso, sem comprometer meus padrões.

Meu amigo me apanhou pouco depois do meio-dia na estação em Paris. Logo vi que não queria nada com negócios naquela hora, mas sim mostrar-me a cidade e suas diversões, sendo eu um estrangeiro que não sabia falar francês. Intensifiquei minhas orações ao Pai Celestial e ele me concedeu um espírito de conforto, e mesmo de felicidade e alegria. Disse a meu amigo quão feliz estava por vê-lo, e que teria de tomar o trem de volta naquela noite, uma vez que tinha importantes responsabilidades a cuidar. Ele olhou-me, sorrindo, e disse: "Não, não, você vai ficar comigo até amanhã. Temos assuntos importantes a discutir, e mostrar-lhe-ei a cidade às ocultas. Ninguém irá vê-lo, e eu não contarei a ninguém. Hoje vamos gozar a vida."

Eu sabia que seu conceito de gozar a vida era totalmente diferente do meu, mas também sabia que as compras de sua companhia eram vitais para a sobrevivência da nossa. Assim, orei mais ainda, implorando ajuda. Finalmente, convidou-me para ir a um pequeno restaurante, muito agradável, desejoso de mostrar-me os lugares que somente os conhecedores sabem onde ficam. O Espírito disse-me que nada havia de errado em jantar com ele, e então concordei; e nós iniciamos uma daquelas longas e caríssimas refeições à francesa. Por falar francês fluentemente, ele fez o pedido, e encomendou duas garrafas de vinho, a despeito de meus protestos para que não pedisse bebida para mim.

A conversa foi animada; a garrafa dele esvaziou-se; a minha permaneceu intacta. Finalmente ele o notou, tomou da garrafa e encheu seu copo e o meu. Tomando seu copo na mão direita, olhou-me nos olhos, e disse: “Meu caro amigo, você sabe que gosto de sua companhia e do padrão que você mantém, mas agora você beberá esse vinho à minha saúde. Se você não beber, não receberá nem mais um pedido nosso.”

Senti o sangue gelar. E surgiu o pensamento: “Irmão Busche, agora você tem de decidir-se!” Todo tipo de racionalização me veio à mente. Antes que pudesse dizer alguma coisa, senti-me tomado por um poder que me encheu de grande regozijo e luz. Para minha surpresa, vi-me colocando meu braço direito à sua volta. O Espírito fez-me dizer algo em que eu jamais pensaria por mim mesmo, algo que modificou totalmente a situação. Ouvi-me dizendo: “Fulano de Tal, você sabe que o conheço melhor que isso. Sei

que você nunca tomaria uma decisão comercial lógica baseada em condições tão ilógicas.” Dei-lhe um abraço e sorri, olhando-o nos olhos, com um profundo sentimento de amor e amizade. Isso o surpreendeu por um instante, e o deixou sem palavras. Então, seus olhos se encheram de lágrimas. Ele me abraçou e começou a falar. Foram palavras de desculpas. Ele chorou e disse: “Quero que me perdoe. Se você tivesse bebido o vinho, eu teria caçoado de você, eu o teria ridicularizado. Quis destruí-lo, mas agora você será meu amigo para sempre. Não se preocupe mais. Logo depois do jantar eu mesmo o levarei à estação, a fim de que possa tomar seu trem no horário. Você também receberá todos os pedidos que quiser e for capaz de atender.”

E assim foi. Na pequenina cabina do carro-leito, rumo a meu destino, chorei de alegria e felicidade, e louvei ao Senhor por sua ajuda, na hora certa e do modo correto.

Sei que Deus vive. Sei disso desde minha conversão há mais de vinte e um anos atrás. Continua assombrando-me o quanto o Senhor nos pode ajudar, quando cumprimos o pré-requisito de ter uma oração constante por retidão em nossos corações.

Não nos satisfaçamos em viver sem conhecer a Cristo. O consolo do seu Espírito permite-nos seguir um caminho diferente, rumo ao destino que escolhemos antes de irmos para esta terra, um caminho que nos traz mais luz, conhecimento, capacidade e regozijo a cada dia. Encontrar esse caminho e segui-lo é o único tesouro verdadeiro na vida.

UMA VISITA A ANTÔNIO



Colin Douglas

Meu companheiro missionário e eu tínhamos alguma dificuldade para nos dar bem. Ainda não sei a origem de nossas dificuldades, mas após estarmos juntos havia somente algumas semanas, caminhando pelas ruas de uma cidadezinha brasileira, ressentimento, orgulho e diferenças à toa começaram a enevoar nosso relacionamento. Nossas orações eram negligenciadas e superficiais, e o ressentimento explodia em palavras ásperas com crescente frequência. Quase que imperceptivelmente, o Espírito começou a afastar-se de nós.

Certa tarde, após um dos muitos dias infrutíferos, batendo em portas e visitando membros, e com o que parecia ser um fim de dia estéril diante de nós, decidimos que poderíamos preencher alguns dos vazios em nosso registro diário de atividades visitando Antônio. Antônio era um não-membro, cuja esposa se unira à Igreja havia vários anos, mas que era apenas semi-ativa. Ele respeitava os missionários e várias vezes mostrou fé bastante para pedir-lhes que lhe dessem uma bênção de saúde. Meu companheiro e eu já lhe havíamos administrado duas vezes, e eu soube que élderes, antes de nós também já o haviam abençoado. Tudo isso aconteceu antes que soubéssemos que Antônio estava morrendo de câncer abdominal e tinha somente alguns meses, quiçá semanas, de vida.

Quando sua mulher atendeu à porta naquele dia, estava abatida e preocupada. Levou-nos à cozinha, de onde uma porta aberta conduzia ao quarto de Antônio. Pela porta, pudemos ver Antônio contorcendo-se em agonia, sobre uma cama estreita, sem dar-se sequer conta de nossa presença.

De repente, sentimo-nos perdidos quanto ao que dizer ou fazer. A mulher de

Antônio fitou-nos sem dizer palavra. Olhamos um para o outro, para Antônio, para o chão. Não tínhamos idéia do que fazer, e o que é pior, sem que nada dissessemos sabíamos que ambos não tínhamos condições espirituais de fazer coisa alguma. Finalmente, um de nós perguntou se havia um quarto onde pudessemos ficar a sós por um instante. A mulher de Antônio apontou-nos um quarto, e ali entramos e fechamos a porta.

Ajoelhamo-nos e começamos a orar em rodízio, a princípio perguntando ao Senhor qual era sua vontade concernente a Antônio. No silêncio que seguiu às primeiras orações, a consciência de nossa indignidade de receber respostas foi gritante. Então, a princípio cautelosa e desajeitadamente, e por fim em tom de súplica, começamos a confessar nosso pecado ao Senhor e mutuamente, por haveremos deixado que orgulho e vaidade nos roubassem o poder de usar o sacerdócio. Imploramos que Antônio não deixasse de ser curado devido a nossa indignidade, mas que o Senhor perdoasse nosso pecado e nos abençoasse com fé e poder de administrar-lhe, ou mesmo que ele abençoasse Antônio sem nossa intervenção.

Devemos ter orado cerca de meia hora, cada um por sua vez, até que uma paz nos envolveu. Concordamos em sair, impor nossas mãos sobre Antônio e deixar que o Espírito nos guiasse.

Ao abrímos a porta, sua mulher perguntou: — Vocês oraram? Respondemos que sim, e ela nos disse: — Ele já adormeceu.

Sáimos da casa humilhados e repreendidos. Em nossos corações havia uma lição, arduamente aprendida, e arraigada de modo profundo e permanente, a respeito da tolice de permitir que diferenças pessoais nos desliguem da fonte do poder para abençoar.

“Quer acredite ou não que poderá, você está certo!”

As Chuteiras de Um Vencedor

Elder Robert L. Backman
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O homem é literalmente o que pensa. Seu caráter é a soma de todos os seus pensamentos”, escreveu James Allen em seu clássico, *As a Man Thinketh (Como Imagina o Homem)*. Enquanto servia como presidente de missão, vi a dramática evidência da verdade dessa declaração na vida dos nossos missionários.

Ao chegar ao campo missionário, um jovem sentou-se comigo a fim de falarmos sobre seus deveres e responsabilidades, e da disciplina que dele seria exigida. Enquanto explicava o que se esperava dele, interrompeu-me e disse: — Um minuto, Presidente Backman. Há algo que você precisa saber. Sou totalmente desqualificado para o trabalho.

Determinado a mostrar-lhe a grande capacidade que possuía como filho de Deus, e despertar dentro dele a compreensão de sua missão ímpar sobre a terra, designei-lhe um companheiro sênior que realmente exigia trabalho, pressionando-o a aprender, crescer, servir, a despeito de haver declarado que não tinha qualificações. Além disso, pressionei-o ainda mais, a ponto de o líder do distrito me escrever, dizendo que o novo missionário estava disposto a dar-me um soco no nariz, na próxima visita.

Dentro de algumas semanas, minha mulher e eu fizemos uma viagem final pela missão, antes de sermos desobrigados. Aproveitei a oportunidade para entrevistar particularmente cada missionário, a fim de expressar-lhe meu amor e confiança. Chegou a vez do novo missionário. Fechei a porta, assim que ele entrou, tirei os óculos que estava usando, e disse: — Se vai fazê-lo sentir-se melhor, élder, prossiga e soque-me o nariz! Por um momento, achei que estava disposto a agredir-me. Em vez disso, porém, caiu-me nos braços, chorando. Tive então a preciosa oportunidade de compartilhar com ele meu conhecimento e compreensão do seu potencial divino e de sua capacidade de amar e servir seus semelhantes. Ao terminarmos nossa conversa, disse-lhe que se ele quisesse fazer-me feliz, viria ao meu escritório, na Cidade do Lago Salgado, dentro de dois anos, a fim de contar-me que terminara sua missão.

Havia dois anos, aproximadamente, que regressáramos da missão, quando ergui os olhos, certa manhã, sentado à minha escrivaninha, e vi um rosto sorridente entrando pela porta. Sem qualquer cumprimento, ele declarou: — Presidente, terminei minha missão!

Fiquei tão orgulhoso dele!

Outro missionário novo era tão tímido e envergonhado, que não conseguia encarar-me sem ficar vermelho. Descobri que crescera em uma fazenda de criação de suínos, e que se sentia muito mais à vontade entre os porcos que entre pessoas. Achava muito difícil falar com qualquer um; ainda assim, tinha um grande desejo de ser um bom missionário. Certo dia, comparecendo à conferência da zona para a qual fora designado, ele se levantou, a fim de prestar

seu testemunho: — Presidente, descobri que ser missionário é como jogar futebol. — E contou-nos como deixara a fazenda a fim de ir à escola. Ao matricular-se, viu que o time de futebol estava treinando, e decidiu que gostaria de jogar, mas não tinha chuteiras nem dinheiro para comprar um par. Foi visitar seu primo, que tinha sido um grande craque de futebol no colégio. Seu primo deu-lhe as chuteiras e o advertiu: — Não vá desonrá-las.

Nosso missionário conseguiu ser escalado no time. No primeiro jogo, viu-se diante de um zagueiro robusto, grande, um real oponente. Encarou-o, engoliu em seco, e pensou: “Não posso vencê-lo! Mas meu primo podia — e estou calçando as chuteiras dele.” Então, correu o mais que pôde e conseguiu vencê-lo, e ele nunca mais conseguiu detê-lo na boca da área, durante todo o jogo.

Que espécie de missionário acham que ele se tornou?

Como é importante encararmos a vida com a atitude certa — pensar positivamente a respeito dela e de nosso papel.

Costumava repetir aos meus missionários: “Quer acredite que poderá ou não poderá, você está certo.” Falava-lhes de uma propaganda de revista, que mostrava a foto de uma mamangaba com a legenda: “A mamangaba não pode voar. De acordo com todas as leis de aerodinâmica, seu corpo é muito volumoso para o tamanho das asas. Mas a mamangaba não sabe disso, e por isso, voa.”

Marco Aurélio (121-180 AD, imperador romano e filósofo estóico), pronunciou a seguinte verdade “Nossa vida é aquilo em que nossos pensamentos a transformam.”

Durante uma conferência de jovens, na qual se deu muita ênfase ao nosso

potencial como filhos de Deus, uma garota levantou-se, a fim de prestar testemunho. E disse: “Sei que podemos ser apenas o que achamos que podemos ser. Chegando em casa depois desta conferência, vou olhar-me no espelho e dizer: ‘Susan, você é linda!’”.

Armados do conhecimento do evangelho de Jesus Cristo e de nossa identidade como filhos espirituais de Deus, nós, santos dos últimos dias, devemos ser o povo de pensamento mais positivo do mundo. Sabemos que nosso amoroso Pai Celestial nos colocou aqui para termos sucesso — e não para fracassarmos. Isso nos deve ajudar a caminhar pela fé. Devemos ser otimistas e confiantes de que somos abençoados por fazermos parte de um plano divino, um plano de salvação eterna. Se quisermos ser mais positivos, mais entusiásticos, mais otimistas, a solução está dentro de nós.

“Um homem é literalmente o que pensa”.

Meus amados jovens irmãos e irmãs, à medida que amadurecerem, eu os incentivo a pensar positivamente a respeito de sua personalidade única, de seu futuro glorioso, das belas verdades do evangelho de Jesus Cristo e de seu relacionamento pessoal com o Salvador. Essas idéias irão impeli-los à ação, assegurando-lhes uma vida rica e produtiva aqui, e vida eterna e exaltação no futuro.

O Apóstolo Paulo, desejando que os santos de sua época pensassem positivamente, disse muito bem em sua epístola aos filipenses:

“Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.” (Filipenses 4:8.)

Encontradas Cópias Originais dos Caracteres das Placas de Ouro

por Janet Brigham

Uma cópia manuscrita dos caracteres das placas de ouro do Livro de Mórmon, presumivelmente feita por Joseph Smith, foi descoberta por um colecionador particular.

Se autêntica, a folha de papel é o documento santo dos últimos dias mais antigo que se conhece e o mais antigo manuscrito de Joseph Smith. A transcrição dos caracteres é aparentemente parte do material dado a Martin Harris para que esse pudesse mostrá-lo ao Professor Charles Anthon e ao Dr. Samuel L. Mitchell em Nova York, em fevereiro de 1828.

Mark William Hofmann, estudante de medicina da Universidade de Utah, em Logan, e colecionador de documentos históricos e antigüidades, descobriu o documento em uma bíblia antiga que comprou de um senhor em Lago Salgado. Supõe-se que a bíblia, publicada em Cambridge, Inglaterra, em 1668, pertenceu à família Smith a partir do século dezessete. O documento de Joseph Smith foi encontrado entre as páginas do Livro de Provérbios com uma substância preta pegajosa.

Um lado do transcrito contém colunas verticais de caracteres. O outro lado, assinado por "Joseph Smith, Jr.", contém esta declaração: "Estes caracteres foram diligentemente copiados por minha própria mão das placas de ouro e as cópias dadas a Martin Harris, que as levou a Nova York; mas os letrados não as puderam traduzir visto que o Senhor lhes não abriu o entendimento em cumprimento à profecia escrita por Isaías no 29 capítulo e 11 verso."

Irmão Hofmann deixou o transcrito em custódia do Departamento Histórico da Igreja para preservação e estudos, a fim de determinar sua autenticidade. O documento será tratado quimicamente para sua preservação e plastificado. Irmão Hofmann também deu à Igreja a custódia

da Bíblia, assinada por Samuel Smith, que pode tanto ter sido o bisavô ou o pai do bisavô de Joseph Smith, Jr. Não há exemplos da escrita de Samuel Smith nos arquivos da Igreja para comparação.

Dean C. Jesse, historiador do Departamento Histórico e perito em manuscritos mórmons, está convencido que a escrita é a de Joseph Smith. Irmão Hofmann não estava certo da autenticidade do documento quando o encontrou em 16 de abril. Após desprender o documento da Bíblia com uma lâmina, ele pôde ver a assinatura "Joseph Smith, Jr.", mas relutou em abrir o papel com medo de prejudicá-lo. Com o auxílio de A. J. (Jeff) Simmonds, curador de Coleções Especiais e Arquivos da biblioteca da Universidade do Estado de Utah, ele desdobrou o manuscrito.

Irmão Hofmann ainda não tinha certeza da autenticidade do documento até que o mostrou em 18 de abril ao Irmão



Presidente Spencer W. Kimball (centro) examinando o documento de Joseph Smith encontrado recentemente por Mark Hofmann (esquerda). Assistindo estão Pres. N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro na Primeira Presidência; Pres. Marion G. Romney, segundo conselheiro; e Elder Boyd K. Packer e Elder Gordon B. Hinckley do Quorum dos Doze. A direita está a Bíblia da família Smith na qual Irmão Hofmann encontrou o papel.

Jessee, que rapidamente reconheceu ser provavelmente autêntico. “Quando vi o sorriso de Irmão Jessee, fiquei entusiasmado”, disse Irmão Hofmann. Ele apresentou o documento à Primeira Presidência em 22 de abril. O anúncio da descoberta foi feito em 28 de abril na reportagem da conferência.

Irmão Jessee disse que o exame preliminar mostra que o papel e a tinta parecem ser materiais autênticos do período de 1828. O manuscrito é um papel fino, de 20 por 28 cm. semelhante àqueles usados no manuscrito do Livro de Mórmon registrado pelos escribas durante a tradução. A enfraquecida tinta marrom ainda é legível. Como uma característica do período, a tinta parece ter sido misturada com água, o que produziu desigualdade em sua coloração.

O documento enquadra-se na descrição do Professor Anthon do papel a ele mostrado por Martin Harris: “O papel em questão era, de fato, um papiro singular. Consistia de todos os tipos de caracteres estranhos dispostos em colunas. Os caracteres estavam em colunas perpendiculares (verticais) e todo o final em um rude desenho de um círculo, dividido em vários compartimentos, (adornado) com várias marcas estranhas. (Comprehensive History of the Church, 1:101).

A bíblia na qual foi encontrado o manuscrito foi talvez passada à posse de Katharine Smith Salisbury, uma irmã do Profeta Joseph Smith, e dela para um bisneto que morava em Carthage, Illinois, em 1950. Joseph Smith morreu em Carthage em 27 de junho de 1844.

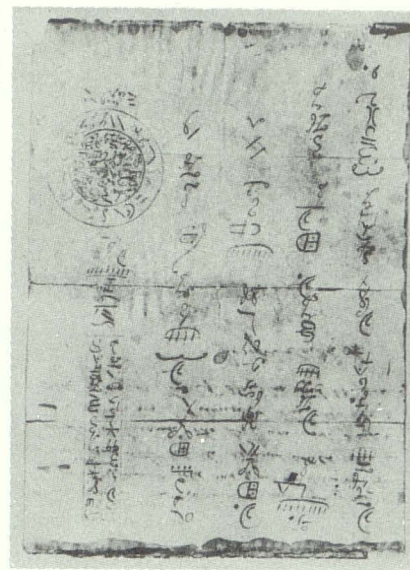
As placas de ouro foram entregues a Joseph Smith em 22 de setembro de 1827 por Morôni. As primeiras cópias do Livro de Mórmon foram impressas em Palmyra, Nova Yorque, em 26 de março de 1830.

Tempos depois Martin Harris descreveu as reuniões com os professores Anthon e Mitchell: “Fui à cidade de Nova Yorque e apresentei os caracteres que tinham sido traduzidos, assim como sua tradução, ao Prof. Charles Anthon, célebre por seus conhecimentos literários. O professor declarou que a tradução estava correta, mais

que qualquer outra que ele vira antes traduzida do egípcio. Mostrei-lhe aqueles que ainda não haviam sido traduzidos e me disse que eram egípcios, caldeus, assírios e arábicos; e disse que eram caracteres verdadeiros. Deu-me um certificado, atestando ao povo de Palmyra que eram caracteres verdadeiros, e que a tradução estava também correta. Coloquei o certificado no bolso, e estava deixando a casa, quando o Sr. Anthon me perguntou como soubera o jovem que havia as placas de ouro no lugar onde ele as encontrara. Respondi que um anjo de Deus o revelara.

Ele me disse: “Deixe-me ver o certificado.” Tirei-o do bolso e dei-lho; rasgou-o em pedaços, dizendo que agora não havia tais coisas como manifestações de anjos, e que se eu levasse as placas ele as traduziria. Informei-o que uma parte das placas estava selada e me era proibido trazê-las. Ele respondeu: “Não posso ler o livro selado.” Fui ao Dr. Mitchell, que confirmou tudo o que o professor Anthon dissera com respeito aos caracteres e à tradução.” (History of the Church, 1:20).

Irmão Jessee disse que o documento ainda está sendo examinado pelos lingüistas.



Estas colunas verticais e outros caracteres das placas de ouro do Livro de Mórmon são tidos como tendo sido copiadas por Joseph Smith em 1828.

